



CREATIVE UNIVERSITY

2014

**Olga Berenice Marques
Dionísio Inácio**

**Ensino das Artes pelo Património
Arquitetónico
Relatório de Estágio**

**Olga Berenice Marques
Dionísio Inácio**

Ensino das Artes pelo Património Arquitetónico Relatório de Estágio

Relatório de Estágio apresentado ao IADE-U Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau Mestre em Ensino das Artes Visuais 3º Ciclo e Ensino Secundário, realizado sob a orientação científica da Doutora Maria de Lourdes Rodrigues de Vitória Riobom, Professora do IADE-U, Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário e sob co-orientação da Professora Felisbela Carvalho, Professora do Agrupamento de Escolas Fernão do Pó de Bombarral.

Dedico este trabalho aos meus mais queridos, que me apoiaram com um amor incondicional em todas as minhas escolhas e decisões.

O Júri

PRESIDENTE

Doutora Maria Emília Capucho Duarte,

Vice-Reitora do *Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário*

VOGAIS

Doutora Isabel Maria Murta Branco,

Especialista em Cultura de Inovação na área da Educação

Mestre Maria Felisbela Duarte Martins da Silva Carvalho,

Professora do Quadro, grupo 600, de Agrupamento de Escolas Fernão do Pó, Bombarral, Assessora do Departamento de Artes e Tecnologias e Coordenadora da Educação para a Saúde e Educação Sexual

Doutora Maria de Lourdes Rodrigues de Victória Riobom,

Professora Auxiliar do *Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário*

Agradecimentos

Começo por agradecer à Professora Doutora Lourdes Riobom, pela sua disponibilidade aceitando desde o início ser a minha orientadora, pelo seu apoio e por tudo o me ensinou ao longo deste estágio.

À Professora Felisbela, pela forma como me recebeu, estando sempre disponível e presente, pela sua partilha de conhecimentos, acreditando em mim em todos os momentos deste estágio, obrigada pela sua sincera amizade.

Também agradeço ao Agrupamento de Escolas Fernão do Pó, não podendo deixar de mencionar a forma positiva como fui recebida pela direção e em especial pelo Professor Emanuel Vilaça, proporcionando todas as condições necessárias à realização do estágio.

À minha mãe, por tudo e muito mais, nunca conseguirei manifestar por palavras o que sempre foi e será: a minha mãe.

À minha filha Maria Carolina, pela sua compreensão de todos os momentos que a privei da minha presença e por sempre me incentivar a concluir esta etapa, com um inesgotável carinho e amor.

Ao meu filho João Maria, por simplesmente existir e fazer parte da minha vida.

Ao Zé, por tudo, por ter aceite e respeitado a minha decisão, por estar presente em todos os momentos, pelo seu apoio incondicional, acreditando sempre que venceria mais esta etapa da minha vida.

Aos amigos, um agradecimento pelo apoio e colaboração, e em especial à minha amiga Daniela que me acompanhou e incentivou, conseguindo sempre arrancar-me uma gargalhada mesmo nos momentos mais difíceis desta etapa.

Palavras-chave

Património Arquitetónico, Ensino, Educação Visual, Criatividade

Resumo

“O Ensino das Artes pelo Património Arquitetónico”, assume-se como um projeto pedagógico inserido no estágio curricular para a conclusão do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, cuja temática reflete a aprendizagem por parte dos alunos dos conteúdos da disciplina de Educação Visual através do património arquitetónico.

O estágio curricular foi realizado no Agrupamento de Escolas Fernão do Pó, no Bombarral, Portugal, durante o ano letivo de 2013-2014, na disciplina de Educação Visual com a turma B de 8º ano de escolaridade.

No desenvolvimento do projeto e em contexto de ensino, foram utilizadas várias metodologias resultando na concretização de trabalhos práticos e uma exposição final, realizada na sede do Agrupamento e aberta a toda a comunidade escolar. Para a realização dos trabalhos foram utilizadas técnicas e metodologias distintas, recorrendo ao desenho de observação direta, criação de composições gráficas, pintura e gravura.

Keywords

Architectural Heritage, Education, Visual Education, Creativity

abstract

"The Teaching of Arts by the Architectural Heritage", is assumed as one inserted in traineeship to complete the Masters in Teaching Visual Arts in the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education pedagogical project, which subject matter reflects learning by students of the subject contents of Visual Education through architectural heritage.

The traineeship was performed in Agrupamento de Escolas Fernão do Pó, in Bombarral, Portugal, during the academic year 2013-2014, in the class of Visual Education with the class B of the 8th grade.

In the development of the project and teaching context, several methodologies resulting in the making of practical assignments and a final exhibition, held at the Head of the School Group and open to the entire school community were used. Techniques and different methodologies, using the design of direct observation, creation of graphic compositions, painting and engraving were used to carry out the work.

ÍNDICE

Índice de Figuras	XVII
Índice de Quadros	XVIII
Índice de Gráficos	XVIII

INTRODUÇÃO	1
------------------	---

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Arquitetura e Formação Básica	9
1.2. Património Arquitectónico	12
1.3. A Educação Visual e a Perceção Visual	16
1.3.1. A Forma	17
1.3.2. A Luz/ Cor	18
1.3.3. A Arquitetura	20
1.4. A Criatividade e o Ensino	22

CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO

2.1. Localização e Meio Envolvente da Escola	
2.1.1. O Concelho de Bombarral	31
2.1.2. O Património do Concelho	33
2.1.3. A Quinta das Cerejeiras	34
2.2. Caracterização da Escola	35
2.2.1. Contexto Histórico	36
2.2.2. Administração Escolar	37
2.2.3. Caracterização da População Escolar	38
2.2.4. Missão e Visão da Escola	38
2.3. Recursos Materiais – Sala de Aula, Equipamentos	42

2.4. Descrição e Caracterização da Turma	43
2.5. Contexto Curricular	
2.5.1. A disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo	44
2.5.2. Objetivos e Conteúdos da Disciplina	45
CAPITULO III – PROJETO PEDAGÓGICO “ENSINO DAS ARTES PELO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO”	
3.1. Objetivos	51
3.2. Recursos Didáticos	53
3.2.1. Materiais e Técnicas	53
3.3. Aplicação do Projeto	54
CAPITULO IV – AVALIAÇÃO	
4.1. Avaliação Pedagógica	61
4.2. Critérios de Avaliação	62
4.3. Inquéritos e Apresentação de Resultados	63
4.4. Análise Crítica do Estágio	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ÍNDICE DE ANEXOS	77

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração de Casa nos arredores de Lisboa (Lino, 1992) e fotografia do edifício a ser desenvolvido no projeto. (Fonte: própria)	15
Figura 2 - Mapa de concelhos de Portugal e Mapa do concelho do Bombarral com localização da vila do Bombarral. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bombarral) ..	32
Figura 3 - Fotografia dos armazéns da Quinta das cerejeiras (Fonte própria); Vinhas da Quinta das Cerejeiras (Fonte: http://clubevinhosportugueses.wordpress.com/2009/08/05/companhia-agricola-do-sanguinhal); Logotipo da Companhia Agrícola do Sanguinhal (Fonte: http://clubevinhosportugueses.wordpress.com/2009/08/05/companhia-agricola-do-sanguinhal); Vinho “Quinta de São Francisco” (Fonte: http://clubevinhosportugueses.wordpress.com/2009/08/05/companhia-agricola-do-sanguinhal)	35
Figura 4 - Fotografia Aérea (Fonte: Google Earth); Fotografia da Escola (Fonte: https://www.google.pt/search?q=agrupamento+fem%C3%A3o+do+po)	36
Figura 5 – Fotografias dos alunos a desenharem o objecto arquitetónico selecionado “Quinta das Cerejeiras (Fonte: própria)	55
Figura 6 - Fotografias de telas realizadas pelos alunos (Fonte: própria)	56
Figura 7 – Fotografias das gravuras realizadas pelos alunos (Fonte: própria)	57
Figura 8 – Fotografias da exposição dos trabalhos, “Olhares sobre o Património Arquitetónico” (Fonte: própria)	57

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 -	Domínios e Objetivos Gerais (MEC, 2012)	46
Quadro 2 -	Materiais e utensílios de desenho e pintura	53
Quadro 3 -	“Critérios de Avaliação – Educação Visual 3º Ciclo”	62

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	O tema do trabalho foi interessante	64
Gráfico 2 -	O facto do objeto de trabalho (edifício escolhido) ser pertença do património arquitetónico do Bombarral e que nós conhecemos, facilitou a aprendizagem do mesmo	64
Gráfico 3 -	A deslocação ao referido edifício habitacional e o seu desenho através de observação direta facilitou o meu trabalho	65
Gráfico 4 -	Considero que a prática do desenho de pormenores do edifício ajudou na construção da minha composição gráfica	65
Gráfico 5 -	Aprender a utilizar diferentes materiais e técnicas tendo sempre por base o mesmo tema, tornou a minha aprendizagem mais fácil	66
Gráfico 6 -	Considero que desenvolver o meu trabalho com base no património arquitetónico contribuiu para a minha evolução na disciplina de Educação Visual	66
Gráfico 7 -	Senti algum desinteresse nas aulas	67
Gráfico 8 -	Gostei das aulas	67
Gráfico 9 -	Considero que aprendi com motivação nestas aulas	68

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O presente documento “O Ensino das Artes pelo Património Arquitectónico” consiste num relatório de estágio e subsequente proposta educativa para a disciplina de Educação Visual do 3º ciclo, realizados no Agrupamento de Escolas Fernão do Pó, Bombarral, na turma B do 8º ano de escolaridade, no ano lectivo de 2013/14. O estágio desenvolveu-se de acordo com parâmetros estabelecidos em conjunto com a co-orientadora do mesmo, a Professora Maria Felisbela Duarte Martins Silva Carvalho e em termos de tempo integrou os dois primeiros períodos do já referido ano letivo, tendo início a 16 de Setembro de 2014. Este período de tempo justificou-se não só pelos conteúdos programáticos a cumprir dentro do calendário escolar e respetivo tempo para sua execução, como também pela concretização de uma exposição final (Anexo 7) dos trabalhos dos alunos (Anexos 4, 5 e 6), a realizar no mês de março na sede do agrupamento, e ainda pelos prazos estabelecidos para a elaboração do relatório pelo Instituto de Arte, Design e Empresa – Univertário, onde este relatório será apresentado. As primeiras aulas foram apenas assistidas, sendo que as restantes e no período a que me propus, foram então por mim lecionadas e sustentadas por planos de aula (Anexo 3).

Tendo conhecimento através da co-orientadora de que o Agrupamento iria participar nas Comemorações do Centenário do Concelho do Bombarral, inserido no Plano Anual de Atividades¹ com o tema aglutinador “Património(s), nós por cá”, e tendo eu uma primeira intenção de trabalhar sobre o património arquitectónico local, fez todo o sentido desenvolver o presente projecto integrando-o nas atividades escolares já definidas. Assim, o trabalho culminou numa exposição realizada no Agrupamento com o título “Olhares sobre o Património Arquitectónico”, integralmente preparada e montada pelos alunos intervenientes, a professora da disciplina, eu enquanto estagiária, com o devido aval do diretor do Agrupamento e ainda com a colaboração dos alunos do 9ºA e de alguns funcionários. Apresentados os meus principais objectivos de trabalho a desenvolver com os alunos à professora e co-orientadora, tornou-se claro entre ambas que o ensino dos conteúdos programáticos do 8º ano integrasse a apreensão do património arquitectónico local, através de práticas pedagógicas diversas. É do entendimento de ambas a extrema relevância de uma aprendizagem da realidade envolvente, começando pelo desenho de observação direta, seguindo-se uma

¹ **Plano Anual de Atividades 2013/2014**

Acedido a 2 de julho de 2014, disponível em:

<https://sites.google.com/a/aefp.pt/web/documentos-internos>

abordagem teórica assim como processos criativos conciliados com a prática de técnicas variadas. Obviamente que consideramos o papel do professor de extrema importância no processo ensino-aprendizagem, sendo ele “a ponte” e meio de transmissão de conhecimento entre a realidade, o saber executar e a apreensão por parte dos alunos com o devido percurso criativo, tão importante no desenvolvimento do indivíduo. Assim, o meu trabalho foi desenvolvido numa lógica não só de conciliação da apreensão do património arquitectónico local com a aprendizagem de novas técnicas mas potenciando a capacidade criativa que os alunos têm, motivando a constante reflexão do processo.

Posto isto, e de acordo com o horário da referida turma, foram estipuladas as aulas de segunda-feira, com a carga horária de 90 minutos para a concretização deste estágio/projeto. Foram então por mim elaborados planos de aula, sempre com o devido aval da professora co-orientadora e concretizados sob a forma de aulas assistidas pela mesma.

Foi sugerido pela professora que o trabalho a desenvolver pelos alunos, e após uma tomada de consciência do património arquitetónico existente, incidisse sobre um único “objecto arquitetónico”, de interesse concelhio, visando e consequentemente potenciando através de práticas pedagógicas distintas o referido processo criativo.

A seleção do citado objeto tornou-se clara e quase imediata: um edifício habitacional, pertença de uma família presente na vila há várias gerações, que contribuiu para a história da mesma e para a sua caracterização visual. O edifício apresenta características bastante acentuadas da arquitetura popular portuguesa, tais como volumetrias, cobertura, dimensionamentos, ritmos de vãos e ainda materiais utilizados, colmatados num agradável conjunto visual, facilmente reconhecido e dignificado atualmente.

Este trabalho visa o desenvolvimento de uma estratégia para a aprendizagem dos conteúdos programáticos através da apreensão da realidade arquitetónica local que se constitui como património de interesse, por parte de jovens de idades compreendidas aproximadamente entre os 12 e os 15 anos de idade, indivíduos em pleno desenvolvimento. Coloca assim os alunos perante o processo de ensino-aprendizagem numa postura dinâmica, inculcando-lhes a noção de agentes ativos e integrantes de uma sociedade, estimulando as suas capacidades intelectuais, criativas e motoras. Consiste numa proposta de trabalho essencialmente prática, adequada às idades, que tem por

objetivo despertar o aluno, adulto ativo de amanhã, para a capacidade de interpretação, apreensão e postura crítica sobre o espaço que o envolve no seu quotidiano, liberto de ideias pré-concebidas.

O projecto tem por base o desenvolvimento das seguintes etapas de trabalho:

- i) “aprender a ver”: desenvolver a percepção e ser capaz de descodificar os objectos arquitectónicos;
- ii) “aprender a fazer”: dotar o aluno com a capacidade de reproduzir imagens reais, através do desenho de observação direta;
- iii) “aprender a criar”: capacitar o aluno para, através de imagens reais, criar novas realidades visuais recorrendo à criatividade e a técnicas distintas;
- iv) “saber expor”: conclusão do projecto com recurso a uma exposição aberta à comunidade educativa, incluindo encarregados de educação, provocando o debate e críticas construtivas através da reflexão do trabalho desenvolvido.

Importa referir que a disciplina de Educação Visual termina no 9º ano de escolaridade, 3º ciclo, e que apenas existirá uma continuidade do ensino das artes em caso de uma escolha por parte do aluno pela vertente do ensino artístico. Logo, torna-se imperativo dotar o aluno de pensamento artístico e estético, sendo a disciplina uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento de um indivíduo capaz de interpretar, ter conhecimento técnico básico e ser agente ativo no que concerne ao pensamento e realidades artísticas que o rodeiam, garantindo uma formação base completa.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Arquitetura e Formação Básica

“Construam, portanto, de forma que vós mesmos e aqueles que vos são queridos possam, em qualquer momento, encontrar felicidade e sentir prazer em utilizar os vossos edifícios, observá-los, habitá-los e usá-los como local de trabalho ou de férias e neles envelhecer.”

(Léon Krier², 1999, pág.25)

Indiscutivelmente esta afirmação de Krier (1946-) (1999) leva-nos para o desejo íntimo de todo o ser humano, o desejo de viver bem, com qualidade de vida. Esta, no que quer que consista para cada indivíduo, passa inevitavelmente pela realidade que o rodeia. De cariz mais pessoal ou mais social, essa realidade reflete-se no nosso quotidiano, pois todos nós saímos à rua para simplesmente viver: conviver, trabalhar, divertirmo-nos, etc. Assim, quem poderá negar que se tiver o privilégio de passar por ruas e largos dotados de construções visual e esteticamente agradáveis, não escolherá certamente espaços carregados de poluição visual, de casas em ruínas, de moradias de cores agressivas despojadas de qualidade arquitetónica, que nos ferem a sensibilidade e bem-estar?

A estética tem consistido numa temática e até talvez preocupação para o homem. É importante perceber que em praticamente toda a sua obra, a questão do belo está presente e se reflete nele próprio.

“Desenhar é um exercício de autoridade e constitui, portanto, uma actividade eminentemente moral, que exige responsabilidade e consciência individuais, sentimento de verdade e de justiça, assim como o sentido da beleza e da dimensão.”

(Krier, 1999, pág.24)

² **Léon Krier** (nascido em 7 abril de 1946, no Luxemburgo, Grão-Ducado do Luxemburgo) é um arquiteto, teórico da arquitetura e urbanista, representante do Novo Urbanismo e Nova Arquitetura Clássica. Desde o final dos anos 1970, Krier tem sido um dos arquitetos e urbanistas neo-tradicionais mais influentes. É um dos primeiros e mais proeminentes críticos do modernismo arquitetónico.

Acedido a 19 de setembro de 2014 em : http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on_Krier

“A mesma gota de tinta que permite desenhar um campo de concentração ou uma cidade esplêndida; o gesto do arquitecto decide se uma comunidade de homens habita e vive agradavelmente numa cidade feita à sua medida e de acordo com o seu gosto ou se esse mesmo grupo de pessoas vai viver num espaço exíguo, a apressar-se e a acotovelar-se constantemente.”

(Krier, 1999, pág.24)

Certamente que jamais seremos todos arquitectos e nem pretensão disso quero aqui incentivar, simplesmente realço o impacto que o trabalho de um cidadão com formação para a correta criação de ambientes e espaços, o arquitecto, pode ter sobre o bem-estar da humanidade e o quão frágil e comprometedora pode ser uma intervenção de um cidadão despojado de conhecimentos técnicos e estéticos. Pretendo despertar esta consciência que todos temos muitas vezes adormecida dentro de nós, ou que quero acreditar que todos nós temos e fomos dotados de ferramentas capazes de uma crítica construtiva com preocupação estética, e que é indispensável a uma postura ativa enquanto cidadão que vive em sociedade. Centremo-nos exatamente nesta questão e equacionemos se efetivamente nos apercebemos da necessidade de participarmos de forma consciente e correta em coisas tão simples como a tomada de opções e escolhas aquando da aquisição da nossa casa, ou pequenas remodelações ou até ampliações que pretendemos executar nelas.

“(...) nas grandes culturas arquitectónicas do passado, a maior parte dos edifícios domésticos não era projectada por arquitectos, mas por mestres construtores seguindo os parâmetros do costume.”

(Krier, 1999, pág.20)

Esta afirmação não foge muito da nossa atualidade, quando achamos que sabemos fazer ou sabemos exatamente o que queremos e a verdade constitui-se numa enorme ausência de conhecimento sustentado, consciente, de sensibilidade e interpretação estéticas. Tomamos opções muitas vezes incorretas de forma ingénua, que pelo simples facto de não serem tomadas por indivíduos capacitados para tal (mesmo que não profissionais), deixam registos e marcas no espaço que nos envolve diariamente, e que perduram durante gerações e gerações, sem muitas vezes termos perceção de tal poluição visual da qual fomos agentes ativos, e que influenciam a nossa qualidade de

vida. Pensemos por exemplo, na influência que tem a cor no nosso bem-estar psicológico.

Inquestionável é que alguns de nós temos conhecimento suficiente para afirmar que não, não pintarei aquela parede de cor de laranja, pois apesar de ser uma cor alegre, é demasiado forte e agressiva para um espaço que pretende chamar a tranquilidade para um desejado e necessário descanso, o quarto. O mesmo ocorre quando temos intervenção no exterior apenas com uma agravante: estamos a influir no nosso bem-estar assim como no da comunidade. Afinal, estamos ou não a influenciar o nosso bem-estar e o do próximo, mesmo que de forma ingénua e inconsciente? Estamos ou não a contribuir para mais ou menos sentimentos de felicidade, alegria, angústia ou mesmo confusão, simplesmente com a tomada de pequenas decisões como a de que cor vou pintar a minha casa? Obviamente que nem todos podemos ter um conhecimento aprofundado sobre todas as matérias, mas perante os exemplos que descrevo, parece tornar-se clara a necessidade de sermos dotados de uma formação visual básica, que nos acompanhe para toda a vida, que permita intervir com algum conhecimento de causa, mesmo que um dia decidamos seguir medicina. Sem dúvida, temos de admitir que a nossa formação enquanto seres pensantes e dotados de inteligência, terá inevitavelmente de passar por uma formação estética, pelo ensino das artes. Todos nós, independentemente da escolha profissional que tomarmos, devemos estar capacitados de uma intervenção diária consciente e uma postura ativa, crítica mas sustentada pelo conhecimento, só possível enquanto sujeitos intervenientes num processo ensino-aprendizagem eficaz.

“Education, in turn, is the process of learning to create ourselves, and it is what the arts, both as a process and as the fruits of that process, promote. Work in arts is not only a way of creating performances and products; it is a way of creating our lives by expanding our consciousness, shaping our dispositions, satisfying our quest for meaning, establishing contact with others, and sharing a culture.”

(Eisner³, 2002, pág.3)

³ **Elliot Eisner** (Chicago, Illinois, EUA, 10 de março de 1933 - Stanford, Califórnia, EUA, 10 de janeiro de 2014) foi um professor de arte e educação na Universidade de Stanford.

Acedido a 19 de setembro de 2014 em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Elliot_Eisner

Posto isto, parece ser bastante clara a importância do ensino da Educação Visual enquanto formação do ser humano em idades tenras, e que será abordada neste mesmo capítulo um pouco mais à frente.

“A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a EDUCAÇÃO global do cidadão.”

(Departamento da Educação Básica, Ajustamento do Programa de Educação Visual – 3ºciclo, 1991)

Pretende-se, no entanto, que esta disciplina seja potenciada com a apreensão do património arquitetónico local, aquele que nos envolve diariamente e que consistirá no próximo ponto de abordagem deste capítulo.

1.2. Património Arquitetónico

“Património arquitetónico são construções representativas, que pelos seus estilos, época de construção, técnicas construtivas utilizadas, entre outros, são reconhecidas como património arquitetónico.”

(definição de Wikipédia, acedido a 02 de abril de 2014)

As cidades são núcleos urbanos impulsionadoras do “coletivo” que faz parte da vida social, através dos seus espaços públicos como as praças, mercados, igrejas, escolas e tantos outros edifícios. Apresentam funções distintas, mas que unem os homens enquanto seres sociais que são. Mais ou menos bem pensados e estruturados, estes espaços e edifícios nasceram para “servir” o homem.

“Las ciudades son un marco de relaciones y contactos entre los humanos que nos permitem hablar de un espacio de aprendizaje informal (lo cotidiano, vivir en esas ciudades) y un aprendizaje no formal que está intencionalmente organizado, estructurado e que se desarrolla de acuerdo a diferentes programas o proyectos.”
(Masachs⁴, 2003, pág.103)

⁴ **Roser Calaf Masachs** (Barcelona, 1949) é professora titular na Área de Didática das Ciências Sociais na Universidad de Oviedo, desde 1992; anteriormente foi professora da Universidad de Barcelona. É também, autora de vários livros relacionados com o Ensino.

Entendo que a cidade deve ser vista e percebida não só comumente como um conjunto de edificações, aglomerado de pessoas e um espelho de infinitas possibilidades de uma vida social ativa, mas como uma obra de arte, tal como defendida por diversos autores. Azúa⁵ (1944-) afirma que

“debemos considerar a las ciudades como las obras de arte supremas, el signo áureo de nuestro jeroglífico”

(Azúa, 1999, pág.22)

De forma nenhuma pretendo equiparar a vila do Bombarral a uma cidade, nem tão pouco ter a pretensão de a incluir nas cidades espalhadas, mesmo que só pela Europa, repletas de obras de arte como por exemplo Barcelona. Contudo, pretendo sim incluir esta simpática vila que reflete a nossa história, no grande número de pequenos aglomerados urbanos que existem ao longo do território português, e que têm o privilégio de integrar nos seus espaços edifícios que se constituem em património arquitetónico. À semelhança da professora Masachs, faço questão que no desenvolvimento do meu projeto, o ensino das matérias / conteúdos que constituem o programa do 8º ano de Educação Visual, passe pelo estudo deste património, ainda que de forma breve tendo em conta as condicionantes do programa, através da sua observação, análise e posterior trabalho a executar pelos alunos.

“Desde esta época venimos realizando un trabajo de educar en la presencia del patrimonio del siglo XX en la ciudad, com diferentes actividades; generalmente mediante prácticas com los estudiantes universitários que, después de un recorrido por la ciudad, siguiendo diferentes hitos analizan seis obras de arte.”

(Masachs, 2003, pág.103)

⁵ **Felix de Azúa Comella** (Barcelona, 30 de abril de 1944) é um escritor espanhol, formado em Artes e Filosofia e Doutor em Filosofia pela Universidade de Barcelona.

Acedido a 19 de setembro de 2014 em:

http://es.wikipedia.org/wiki/F%C3%A9lix_de_Az%C3%BAa

Esta foi também uma das estratégias por mim seguidas, colocando os alunos perante o objeto arquitetónico selecionado, garantindo um contacto direto e efetivo com o objeto a ser trabalhado, passando a sua apreensão pelo desenho de observação direta. Intento com esta estratégia, ajudar na interpretação do objeto enquanto património arquitetónico, inserindo ao longo do seu desenvolvimento abordagens teóricas.

A escolha do objeto arquitetónico fundamenta-se pedagogicamente com as “Comemorações do Centenário do Concelho do Bombarral”, inserido no Plano Anual de Atividades 2013/2014, com o tema aglutinador “Património(s), nós por cá”. Neste contexto, os conteúdos a lecionar integram o património local, alvo de comemorações. As características de relevância e simplicidade arquitetónicas que o edifício selecionado apresenta, assim como os aspetos mencionados no ponto 2.1.3. do Capítulo II – Caracterização e Enquadramento, justificam a sua escolha para este trabalho. Contudo e neste contexto, formas, volumetria, coberturas, alpendres, dimensionamento e ritmos de vãos entre outros aspetos formais do edifício, constituem-se em elementos que nos remetem para o estudo que o arquiteto Raul Lino⁶ (1879-1974) fez, espelhado na obra “Casas Portuguesas – Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples”. Sim, são sem dúvida aspetos como estes que predominam no edifício em estudo e gostaria de salientar, uma vez mais, as palavras do autor quando refere:

“Os vãos alinham-se com simpleza; as mais das vezes não há feição que se saliente por qualquer pretensão architectónica; basta uma escada exterior, ou telheiro, ou simples parreira, para dar interesse à construção, (...)”

(Lino, 1992, págs.72-73)

⁶ **Raul Lino da Silva** (Lisboa, 21 de Novembro de 1879 — 13 de Julho de 1974) foi um arquitecto português que defendeu a tradição na concepção das formas. Projectou mais de 700 obras, tais como a Casa dos Patudos, em Alpiarça, para José Relvas (1904), a Casa do Cipreste, em Sintra (1912), o Cinema Tivoli, em Lisboa, (1925), o Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português de 1940. Foi ainda autor de numerosos textos teóricos sobre a problemática da arquitectura doméstica popular, como *A Casa Portuguesa* (1929), *Casas Portuguesas* (1933) e *L'Évolution de L'Architecture Domestique au Portugal* (1937).

Acedido a 19 de Setembro de 2014 em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Raul_Lino_da_Silva

Na sua obra, o autor alerta-nos para variados aspetos a ter em atenção na conceção do projeto da habitação portuguesa. Mostra também ilustrações de casas cujas características levam à sua predominância nas diferentes zonas do nosso país – estudo este que considero importante ser visto.

“Depois de achada a proporção e a forma, temos a cor como elemento de grande importância.”

(Lino, 1992, pág.75)

Convido então a uma breve observação das imagens abaixo expostas, que bastará certamente para uma melhor perceção dos fundamentos que tenho vindo a mencionar.



Figura 1 - Ilustração de Casa nos arredores de Lisboa (Lino, 1992) e fotografia do edifício a ser desenvolvido no projeto. (Fonte: própria)

“Como havemos de proceder para adoptar na construção a linguagem própria do país, consentânea à época actual? Não há que receitar; é ter bom-senso, conhecer, admirar, amar e saber resolver; isto só, e nada mais.”

(Lino, 1992, págs.74-75)

1.3. A Educação Visual e a Percepção Visual

“A Educação Visual surge, assim no 3º ciclo, com perfeita autonomia como disciplina curricular e caracteriza-se por nítido pendor para a Educação Artística e Estética, através da educação da percepção visual, da expressão livre e do Design, como formas específicas de abordar o mundo, de o organizar e de se organizar a si próprio, insubstituível por outras disciplinas.”

(“Organização Curricular e Programas”, Volume I, Ensino Básico, 3º ciclo, Educação Visual, Ministério da Educação, 1991).

Afirma-se aqui a ideia acima defendida da importância da Educação Visual para o desenvolvimento do indivíduo, sendo referida neste documento do Ministério da Educação como disciplina perfeitamente autónoma, indispensável e insubstituível.

Importa contudo agora, dar a conhecer algumas das matérias que fazem parte desta disciplina e mais especificamente no 8º ano de escolaridade, a serem desenvolvidas e trabalhadas ao longo do projeto que me propus concretizar.

Dos conteúdos programáticos que constituem o Programa Curricular da disciplina de Educação Visual no 3º ciclo, e que integram o manual “Ver, Desenhar e Criar” de Cristina Carrilho da Graça, Rosário Forjaz, Sara Barriga e Sérgio Ferreira (2013), pretende-se abordar neste trabalho com especial incidência três dos que constam da Planificação Anual para a disciplina de Educação Visual, elaborada no Agrupamento de Escolas Fernão do Pó (Anexo 2). Falamos assim dos conteúdos “Forma (Elementos Visuais)”, “Cor” e “Arquitetura”, com referências às respetivas metas curriculares.

Através da percepção visual, o homem identifica através do olhar e conhece o meio que o rodeia, relaciona-se com os outros e interpreta as imagens que vê. Constitui-se num fenómeno complexo e várias são as áreas de conhecimento que têm vindo a contribuir para a estudar, tais como a Medicina, Filosofia, Física e também a Arte. A percepção resulta da intervenção de representações e memórias do indivíduo, não se constituindo numa imagem fotográfica do mundo que nos rodeia, mas sim do resultado de um processo de construção, transformação, distorção e seleção de informação. Várias são as teorias que abordam este tema, contudo, pretendo aqui destacar a teoria construtivista. Nela, o processo de captação e visionamento do mundo que nos rodeia é construído através da conjugação da informação obtida do meio exterior com

conhecimentos já adquiridos, e os olhos e a visão consistem, sem dúvida, nos recetores sensoriais mais importantes para o desenvolvimento deste projeto.

1.3.1. A Forma

A forma é uma característica presente em tudo o que nos rodeia. A forma existe num determinado espaço e apresenta características próprias que a definem e distinguem.

“A matéria de que é feita dá-lhes características específicas.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.137)

Ocupando um determinado espaço, a forma constitui-se na aparência de objetos, independentemente da sua origem, ou seja, quer sejam naturais ou criados pela mão do homem. As formas, naturais ou artificiais, definem-se como uma porção de espaço, bidimensional ou tridimensional, delimitadas por uma linha, a linha de contorno.

Enquanto as formas bidimensionais são planas, as formas tridimensionais, quer naturais, quer criadas pelo homem, têm volume, apresentando um comprimento, uma largura e uma profundidade ou espessura.

A perceção da forma é-nos dada pela perceção dos elementos visuais pelos quais é constituída, como o ponto, a linha, o plano, o volume e as texturas.

O ponto marca uma posição no espaço e não tem dimensão, nem apresenta nenhuma direcção.

“Podemos dizer que o ponto é uma forma estática, porque não indica nenhuma direcção, mas o seu percurso no espaço é gerador de outras formas, que podem ser dinâmicas, como por exemplo a espiral.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.137)

A linha consiste numa forma unidimensional pois tem apenas um comprimento. Define-se pela trajetória de um ponto num determinado espaço, sendo que de acordo com a direcção que toma, pode ser classificada como reta ou curva.

Quando nos referimos ao plano, este apresenta duas dimensões sendo elas o comprimento e a largura - estamos perante uma forma bidimensional.

“O percurso de uma linha no espaço, que se movimenta numa direção sem ser a própria, gera uma superfície”.

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.138)

O volume, e tal como acima referido, apresenta uma terceira dimensão quer se espelha numa profundidade ou numa espessura. Deixamos a dimensão do plano, sendo que todos os objectos têm obrigatoriamente um volume.

Por sua vez, a textura é uma característica visual e tátil que a superfície das formas apresenta. Esta característica é percecionada pelo homem tátil ou visualmente. As texturas podem ser naturais ou funcionais, sendo estas criadas pelo homem e ainda se podem apresentar rugosas, lisas, brilhantes, baças, ásperas ou macias.

1.3.2. A Luz / Cor

Transcrevendo algumas palavras do manual de Educação Visual do 3º Ciclo “Ver, Desenhar e Criar”, o manual adotado no Agrupamento para a disciplina,

“A cor resulta da existência da luz. Sem luz não existem cores. Na ausência total de luz, o que vemos é negro. Foi no século XVII que o físico Isaac Newton descobriu que a luz branca do sol é constituída por várias luzes coloridas.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág. 145)

Através da experimentação Newton conseguiu explicar este fenómeno, desvendando o “mistério” do arco-íris e das suas sete cores. Focando-nos nos objectos que nos rodeiam, a luz incide nos mesmos que absorvem todas as radiações do espectro visível exceto a que é reflectida e que corresponde à sua cor.

A cor pode ainda ser classificada quanto às suas qualidades, sendo elas três: o tom ou matiz, o valor e a saturação. O tom ou matiz consiste na coloração da cor e conforme o

tom podemos descrever melhor a mesma, por exemplo, é comum referirmo-nos a um azul esverdeado.

No que concerne ao valor, este está associado ao grau de luminosidade. Esta pode ser alterada através da mistura de branco ou de preto, tornando o tom mais claro ou mais escuro respectivamente.

“Quando um tom se apresenta sem mistura de branco ou preto diz-se que o tom é puro. Por exemplo, o vermelho é puro enquanto o cor de rosa não o é, porque resulta da mistura do vermelho com o branco.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.147)

Relativamente à saturação:

“Uma cor atinge a saturação máxima quando corresponde ao seu comprimento de onda no espectro visível. Neste caso, dizemos que tem um tom puro.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.148)

As cores podem ainda ser classificadas como cores quentes ou frias. Resumidamente, as primeiras são o magenta, o laranja e o amarelo e as segundas o ciano, o violeta e o verde.

O campo da cor oferece uma vastíssima área de estudo, desenvolvida por vários teóricos da cor como Isaac Newton (1642-1727), Johann Von Goethe (1749-1832), Philipp Otto Runge (1777-1810), Johannes Itten (1888-1967), Josef Albers (1888-1976), entre outros. Importa perceber que este interesse se deve também ao facto de as referidas cores exercerem variados efeitos sobre o organismo humano, e estando sempre presentes no ato comunicativo, influenciam sentimentos, emoções e o próprio intelecto do indivíduo. Todo o ser humano apresenta preferência por determinadas cores em determinados contextos, sempre associadas à vivência individual de cada um. A cor encontra-se em tudo o que nos rodeia.

1.3.3. A Arquitetura

“Desde os tempos pré-históricos até à modernidade nunca o problema da habitação deixou de ser actual e de interessar – por vezes apaixonadamente – as criaturas humanas.”

(Lino, 1992, pág.9)

A arquitetura nasceu da necessidade do homem em se proteger de perigos eminentes da natureza, há muitos e muitos anos atrás. Vários são os testemunhos, que nos provam a antiguidade desta “arte”.

“Em 7000 a.C., na Ásia Central e no Médio Oriente construíram-se residências em argila seca e madeira.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.201)

A necessidade de se sentir num espaço protegido levou o homem a pensar e a dar vida ao que chamamos arquitetura. Inicialmente os processos de construção eram bastantes primitivos, contudo, o homem é um ser dotado de inteligência e como tal capaz de refletir, logo efetuou progressos sucessivos ao longo dos tempos.

“O desenvolvimento dos processos de construção primitivos, levou à edificação das pirâmides egípcias, aos monumentos gregos, às pontes romanas ou às catedrais góticas.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.201)

Estes são apenas alguns dos exemplos mais antigos da evolução da arquitetura, mas, esta evolução é facilmente constatada em registos bastante mais atuais, da sociedade à qual pertencemos. Retrocedendo um pouco, cito novamente as pirâmides dos egípcios, e comparo-as com a proteção, segurança e até conforto das nossas casas, sendo rápida e fácil a perceção da evolução que se deu, só foi possível graças a uma procura constante de dar resposta a problemas e situações que permitam um maior conforto ao homem. Contudo, quando menciono resolução de problemas não me refiro única e exclusivamente a questões habitacionais. Assim, a arquitetura desenvolveu-se de forma

a dar resposta nas variadas áreas de vivência do homem social, surgindo a arquitetura clássica que se destaca

“pela procura da beleza e da perfeição através da definição de regras de construção, de escala, de proporção, de composição e da forma dos próprios elementos como: as colunas ou os frontões.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.202).

Por outro lado, e com os Romanos, foi desenvolvida a arquitetura civil, espelhada em espaços como praças, mercados, teatros, pontes, entre outros, que concentram grande número de pessoas. Assim como a arquitetura militar que se reflete por exemplo em castelos e fortificações, e a arquitetura religiosa em igrejas e catedrais.

Importa ainda perceber que a arquitetura se sub-divide em várias áreas de atuação, tais como o urbanismo, a arquitetura paisagista e a arquitetura de interiores, que nos ajudam a solucionar os já referidos problemas que surgem ao homem que vive em sociedade.

Em arquitetura a perceção do espaço é de extrema relevância, quer seja ele interior ou exterior, observar não só o edifício mas também a sua envolvente é fundamental, pois

“a finalidade da arquitetura é construir um espaço que cumpra uma função.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.204)

Logo, uma resposta arquitetónica é essencial que seja refletida e integrada, em que escalas e proporções de espaços entre si e correlacionados com o ser humano, são indispensáveis.

Segundo o já mencionado manual da disciplina de Educação Visual adotado pelo Agrupamento, a arquitetura está sujeita a uma metodologia, ou seja o projeto tem que respeitar fases, sendo elas: fase 1 - o programa, que consiste na exposição da pretensão do cliente quer seja um indivíduo, empresa ou instituição; fase 2 - o desenvolvimento do projeto, em que os estudos da pesquisa vão dar origem a desenhos rigorosos do objeto arquitetónico que se propõe, e ainda maquetas (representações tridimensionais); fase 3 – projeto de execução que consiste na pormenorização das

peças desenhadas, incluindo memórias descritivas, orçamentos e cadernos de encargos; fase 4 – assistência à execução, em que o técnico, arquiteto, faz o acompanhamento de obra, garantindo que a mesma é executada de acordo com o projeto.

1.4. A Criatividade e o Ensino

A criatividade é entendida de forma geral e comum para todos nós, como uma capacidade que o ser humano tem de criar algo diferente do existente, algo de novo. Contudo, a criatividade é muito mais do que o atrás mencionado, sendo uma matéria de interesse estudada por diferentes autores. Trata-se de uma prática social e cultural e é possível ser transmitida através de representações. Se nos focarmos no contexto educativo, onde são trocadas experiências individuais e coletivas, facilmente se entende a necessidade de relacionar o processo de ensino com a realidade, vivências e tendências de cada aluno. Estas trocas de experiências possibilitam a comunicação, expressão e também a criação. Segundo Edwards⁷ (1993), é necessário providenciar meios para libertar o potencial criativo, aceder às capacidades de intuição, invenção e imaginação, que poderão encontrar-se condicionadas pelo contexto verbal, cultural e educativo em que o individuo se insere. A criatividade impõe uma abertura e flexibilidade mentais perante novas abordagens e apela a diferentes ideias, materiais e processos. Esta foi, sem dúvida, a postura que se pretendeu transmitir em pleno processo educativo durante este ano letivo no desenvolvimento do projeto.

Assim, o meu trabalho no desenvolvimento deste projeto, teve sempre como um dos principais objetivos o inculcar e desenvolver a já tão referida criatividade nos alunos, não só como motor de motivação mas também visando contribuir para um aumento da autonomia do aluno, tendo em conta a conjuntura educativa atual.

⁷ **Betty Edwards** (San Francisco, Califórnia, 1926) é uma professora de arte e escritora norte-americana, conhecida principalmente pelo seu livro “Drawing on the Right Side of the Brain”, 1979.

Acedido a 30 de Outubro de 2014 em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Betty_Edwards

Para John Dewey⁸, os alunos devem estar numa verdadeira situação de experimentação e aprendem melhor realizando tarefas associadas aos conteúdos ensinados. Dewey entende que o professor deve apresentar os conteúdos escolares em forma de questões ou problemas e nunca dar respostas ou soluções prontas, levando o aluno a raciocinar e elaborar os próprios conceitos para posteriormente confrontar com o conhecimento sistematizado.

Segundo Eisner (2004), as artes desempenham um papel importante no refinamento do sistema sensorial e no desenvolvimento da capacidade imaginativa, pois permitem aprofundar a experiência qualitativa.

“La imaginación, esa forma de pensamiento que engendra imágenes de lo posible, también desempeña una función cognitiva de importância fundamental”

(Eisner, 2004, pág.21)

Não menos importante será abordar o processo criativo, embora de forma muito ligeira, entendendo-o como um mecanismo intimamente ligado com a criatividade. O processo criativo não é de todo, e ao contrário do senso comum, um processo que surge do nada em que as ideias são fruto do acaso ou de simples inspiração divina. Exige sim um grande esforço mental do indivíduo que pretende criar. Apesar de alguns autores se terem debruçado sobre esta matéria, e apesar de revelarem um entendimento com variantes distintas sobre a mesma, chamando-lhes etapas, fases ou atribuindo-lhe qualquer outra denominação, têm por entendimento comum a existência de “momentos” que se sucedem e que permitem cumprir o processo criativo. Por exemplo, Fayga Ostrower⁹ (1920-2001), não subdivide o processo criativo em fases ou etapas,

⁸ **John Dewey** (Burlington, Vermont, EUA, 20 de outubro de 1859 - Nova Iorque, Nova Iorque, EUA, 1 de junho de 1952) foi um filósofo, pedagogo e psicólogo norte-americano. É considerado o expoente máximo da escola progressiva americana.

Acedido a 19 de Setembro de 2014 em: http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dewey

⁹ **Fayga Perla Ostrower** (Lodz, 14 de setembro de 1920 — Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2001) foi uma artista plástica brasileira nascida na Polónia. O seu percurso profissional desenvolveu-se enquanto pintora, desenhadora, ilustradora, teórica da arte e professora. Acedido a 19 de Setembro de 2014 em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fayga_Ostrower

considerando-o um processo existencial, tal com “viver”. Não obstante, e aqui exposto de forma muito sucinta, defende a existência de três momentos no processo criativo: um primeiro momento “sair de si” em que o indivíduo interioriza aquilo que lhe é externo; um segundo momento “elaboração” em que o indivíduo pressupõe e imagina com algum distanciamento entre ambos e um terceiro momento “inspiração” que consiste no executar/fazer. Cada um destes momentos traça o seu caminho.

Não é possível no âmbito deste trabalho apresentar todas as diferentes abordagens ao processo criativo mas apenas reter que o mesmo consiste, tal como o nome indica, num processo sistémico e que vai progredindo de forma faseada.

“ O processo criativo é tratado como fenómeno sistémico e não individual, porque se desenvolve na interação dinâmica entre as potencialidades do context e as oportunidades e características das pessoas, (...) o contexto possui assim um papel preponderante para o despoletar do processo criativo como é o caso da família, da escola, da cultura e da sociedade.”

(Morais, 2008, pág.43)

Fazendo agora uma abordagem ao ponto de vista cognitivo, preponderante para uma melhor perceção, Piaget¹⁰ (1995) desenvolveu um sistema de estádios do desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente, sendo que o último período é caracterizado pelas “operações formais”, o período das ideias, reflexões e projetos, onde o raciocínio ocorre por hipóteses e deduções. Este período ocorre em crianças quase adolescentes, dos onze aos quinze anos, e os alunos da turma onde foi posto em prática o projeto, inserem-se exatamente nestas idades, facilitando o processo de criatividade e experimentação.

¹⁰ **Sir Jean William Fritz Piaget** (Neuchâtel, Suíça, 9 de agosto de 1896 - Genebra, Suíça, 16 de setembro de 1980) foi um epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica e fundou a Epistemologia Genética, teoria do conhecimento com base no estudo da génese psicológica do pensamento humano.

Acedido a 19 de Setembro de 2014 em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_Piaget

Apesar da necessária interiorização de conhecimentos já adquiridos, transmitidos ao aluno através do processo de ensino-aprendizagem, impõe-se a necessidade de criar indivíduos capazes de ir mais além, rompendo com o estereotipado e alcançando a inovação, com a ajuda da criatividade. Ora, dediquemos agora um pouco de atenção às palavras de Dewey:

“Um dos responsáveis pela construção do novo gênero de pontes deve-se ter apercebido de que era essencial abstrair-se da “ideia” do modelo de construção então vigente. Demonstrou ousadia e coragem por pensar fora dos padrões e hábitos da época, e inovação por utilizar doutra forma conhecimentos científicos já desenvolvidos, obtendo desse modo novos resultados. Demonstrou iniciativa intelectual por ter procedido a novas experiências apesar da indiferença e da reprovação quase universais. Demonstrou honestidade intelectual por ter aprendido com os êxitos e os fracassos das suas experimentações. O pioneiro conseguiu construir a sua ponte – criando assim uma nova arte e uma nova técnica científica – tendo ele tido a coragem de um pensamento criativo. Comparando com outras grandes invenções e descobertas, percebemos que sempre existia o conhecimento necessário para possibilitar novas formas de ação e observação, faltando, no entanto, as indicações e instruções quanto à sua aplicação em concreto.”

(Dewey, 2009, pág.37)

Cada vez mais o avanço, a inovação, a criatividade, em qualquer área, tornam-se imperativos, logo fácil será entender estas afirmações de Dewey como uma visão a tornar realidade no grupo etário mais jovem, os adultos de amanhã. Se dotarmos esta população de ferramentas, aqui entendidas como conhecimentos já adquiridos em anteriores gerações, aliadas a um raciocínio dotado de imaginação e ousadia, estaremos a contribuir para um maior número de indivíduos capazes de atingir realmente o progresso tão necessário à realidade atual.

“Com imaginação, ousadia e vontade de experimentar e aprender com os fracassos e sucessos, há lugar para o progresso e a criação.”

(Dewey, 2009, pág.37)

Segundo a visão de Vigotsky¹¹, o aluno é resultado de um processo social alimentado pelo diálogo, com fulcro nas diversas funções da linguagem, na instrução e no desenvolvimento cognitivo mediato. Na verdade, a simples exposição oral aos estudantes de um determinado assunto não basta, sobretudo se essa orientação não favorecer a troca de experiências com os companheiros.

Arrisca-se afirmar que efetivamente, não apenas o “depositar” do saber e os seus processos de raciocínio serão bastantes para o atingir da correta apreensão do património arquitetónico e posteriores abordagens técnicas, sendo imprescindível o experimentar, ser capaz de executar incutindo nos alunos a criatividade. Incentivar e proporcionar a troca de ideias e experiências, consistirá num avanço do processo ensino-aprendizagem.

Assim, e numa primeira reflexão, pode o ensino ser colocado como uma procura de dar uma resposta pensada e planeada às exigências do processo aprendizagem, sendo que a mesma implica o retorno da instrução, ou seja, o retorno do processo de ensino. O processo ensino-aprendizagem é também um processo social, pois muito mais do que apenas debruçar-se sobre a relação ensino-aprendizagem, contempla de forma indiscutível as realidades sociais que envolvem o meio escolar, desde o contexto social em que se insere a escola, passando pela contextualização “turma” e “aluno”.

A relação professor-aluno consiste na interacção entre estes dois sujeitos intervenientes no processo educativo. Essa relação será determinada por ambos e como tal, definindo assim o clima e os contornos da mesma. Claro é que ambos desempenham papéis distintos na sala de aula, competindo ao professor tomar a maior parte das iniciativas no sentido de orientar esse relacionamento.

Para John Dewey, o aluno deve estar numa verdadeira situação de experimentação, a atividade deve ser do seu interesse, deve haver um problema a resolver, ele deverá possuir os conhecimentos necessários para agir diante da situação e que terá que ter a oportunidade de testar as suas ideias.

¹¹ **Lev Semenovitch Vygotsky** (Orsha, Bielorrússia, 17 de novembro de 1896 - Moscovo, Rússia, 11 de junho de 1934) foi um cientista bielo-russo. Pensador importante na sua área e época, foi pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

Acedido a 19 de Setembro de 2014 em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lev_Vygotsky

“Cuando manipulamos, tomamos y sentimos; cuando miramos; vemos; cuando escuchamos; oímos. La mano se mueve con un punzón de grabado o con un pincel; el ojo espera e informa del resultado de lo hecho. A causa de esta íntima conexión, los siguientes actos son acumulativos y no caprichosos ni rutinarios. En una efectiva experiencia artístico-estética, la relación es tan próxima que controla simultáneamente el acto y la percepción.”

(Dewey, 2008, pág.57)

CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO

2.1. Localização e Meio Envolvente da Escola

2.1.1. O Concelho de Bombarral

“No começo do século XIII, ou talvez anteriormente, o Bombarral era apenas uma granja ou herdade que, com o seu termo, pertencia ao Mosteiro de Alcobaça.”

(Augusto Ramos, 1982, pág.29)

Hoje, e saltando um pouco a sua evolução histórica, o Bombarral é uma vila portuguesa em plena antiga província da Estremadura, que pertence à região Centro (NUTTS II), sub-região do Oeste (NUTTS III) e sede do concelho mais a sul do distrito de Leiria, dependendo deste administrativamente. Delimitado a norte pelo município de Óbidos, a nordeste pelo das Caldas da Rainha, a sueste pelo do Cadaval e a sudoeste pelo da Lourinhã, ocupa uma área de 91,29 km² e acolhe cerca de 13 193 habitantes (INE, 2011)¹². Enquanto concelho foi criado em 1914 comemorando assim este ano o seu centenário. Abarca quatro freguesias sendo elas as de Bombarral e Vale Covo, Carvalhal, Pó e Roliça. Tem uma densidade populacional de 144,52 habitantes por km² (Wikipédia, 2014).

Conforme podemos verificar nos mapas abaixo, apresenta um posicionamento apelativo face à sua centralidade relativamente a Portugal e à sua proximidade com a Serra do Montejunto, à costa marítima conhecida turisticamente pela “Costa de Prata”, à capital de Portugal, Lisboa, e a capital de distrito, Leiria, ficando a 73kms de distância de ambas. Integra duas linhas de água, o rio Bogota e o Rio Real, sendo este último o de maior dimensão e inclui a linha férrea do Oeste que, fazendo referência a uma escala quase local, liga o Bombarral a norte com Caldas da Rainha e a sul com Torres Vedras.

¹² Instituto Nacional de Estatística (INE 2011).

Acedido a 9 de julho de 2014, disponível em: <http://www.ine.pt>

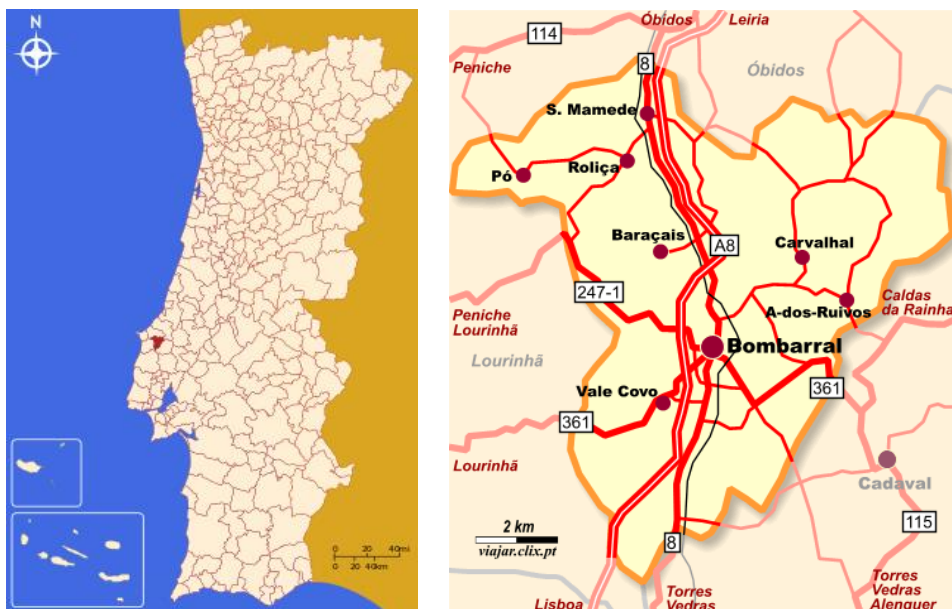


Figura 2 - Mapa de concelhos de Portugal e Mapa do concelho do Bombarral com localização da vila do Bombarral. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bombarral>)

Vários edifícios de interesse histórico para o concelho e outros mesmo classificados pelo IGESPAR¹³, como imóveis de interesse público, de interesse concelhio ou em vias de classificação, poderiam ser aqui mencionados, como é o caso do Teatro Eduardo Brazão, ou mesmo espaços naturais como a Mata Municipal do Bombarral, contudo apenas será feita referência a alguns no sentido de rápida e brevemente se perceber um pouco do concelho atualmente e no âmbito deste projeto.

O Bombarral guarda consigo factos de grande interesse intimamente ligados ao alojamento e acolhimento de famílias reais e nobres que habitaram e ocuparam os seus solares. Nomeadamente, as atuais instalações da Câmara Municipal que foram noutros tempos o Palácio dos Henriques e o actual Museu Municipal do Bombarral inserido no Palácio Gorjão, antigo solar dos Cunhas e Coimbras. Outros edifícios fazem parte da história e memória dos bombarralenses, na sua maioria solares de habitação integrados em quintas que em tempos eram o grande motor económico da vila. Entre elas, está a Quinta das Cerejeiras, que se constitui num verdadeiro ex-libris da vila. Pertença da família Pereira da Fonseca há já quatro gerações, está incluída no grupo de três quintas que foram restauradas e renovadas, com 100 hectares de vinhas, e que dão origem aos vinhos comercializados quer a nível nacional, quer a nível internacional.

¹³ Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.

Acedido a 16 de julho de 2014, disponível em:

<http://194.65.130.238/pt/patrimonio/pesquisa/georeferenciada/>

A base da economia deste concelho centra-se na agricultura minifundiária onde se incluem os produtos hortícolas, mas vinho e pêra rocha ocupam um lugar de destaque. De realçar que este facto é comemorado anualmente também no Festival do Vinho e da Pêra Rocha.

Em contexto político, o executivo mantém-se a cargo do Partido Social Democrata há já vários mandatos com o mesmo presidente, tendo apenas nas últimas eleições e no mandato imediatamente anterior, subido à presidência o Sr. José Manuel Vieira.

2.1.2. O Património do Concelho

Pode dizer-se que o concelho do Bombarral abrange um considerável leque de património face à sua dimensão, incluindo o património arquitetónico, arqueológico e natural. Neste último inclui-se a já mencionada Mata Municipal do Bombarral, uma mata que abraça o edifício da Câmara Municipal e ocupa uma grande mancha no centro da vila com cerca de quatro hectares. Este maciço arbóreo tem perdurado há vários séculos quase intacto até aos dias de hoje e constitui o mais importante espaço verde da vila. Para além de apresentar exemplares de árvores com dimensões que ultrapassam os vinte metros de altura, condensa no seu interior variadas espécies vegetais características dos bosques mediterrâneos. Interessante será o facto de o atual diretor do Agrupamento e Escola em que foi desenvolvido este projeto, o professor Emanuel Vilaça, ter selecionado este tesouro verde para realização do seu mestrado, cuja dissertação versou sobre o tema “Mata Municipal do Bombarral, contributo para sua gestão e valorização ambiental e pedagógica”. Do património arqueológico, constam a Gruta Nova da Columbeira, Gruta da Lapa do Suão e o Castro da Columbeira, todos externos à vila, mas obviamente integrados nas freguesias do concelho.

No que se refere ao património arquitetónico, encontram-se classificados no concelho do Bombarral pelo IGESPAR como Imóveis de Interesse Público (IIP), constantes do PDM¹⁴ de Bombarral: “Capela do Carvalhal”, Carvalhal, freguesia do Carvalhal; “Solar

¹⁴ Regulamento Plano Diretor Municipal de Bombarral.

os Melos e Castro”, São Mamede, freguesia da Roliça; “Ermida nossa Senhora do Socorro”, Carvalhal, freguesia do Carvalhal; “Torre do Carvalhal, também denominada do Lafetas ou Lafeita”, Carvalhal, freguesia do Carvalhal; como Imóvel de Interesse Concelhio (IIC): “Casa Alpendrada”, Carvalhal, freguesia do Carvalhal; e por fim Imóveis em Vias de Classificação (IVC): “Palácio Gorjão”, Bombarral, freguesia do Bombarral; “Capela de São Lourenço”, São Mamede, freguesia da Roliça; “Capela de São Brás”, Bombarral, freguesia do Bombarral e “Teatro Eduardo Brazão”, Bombarral, freguesia do Bombarral.

2.1.3. A Quinta das Cerejeiras

Tal como anteriormente referido, a Quinta das Cerejeiras integra um grupo de três quintas, que compreende para além desta, a Quinta do Sanguinhal e ainda a Quinta de São Francisco, pertença da família Abel Pereira da Fonseca. No sentido de melhor administrar as propriedades, a família fundou no século XX, nos anos vinte, a Companhia Agrícola do Sanguinhal, sita no coração de uma das mais antigas regiões vinhateiras do país e com sede no concelho do Bombarral. Esta atividade tem vindo a desenvolver-se e a consolidar-se até aos nossos dias, com produção anual de vinhos, para a qual a Quinta das Cerejeiras dá o seu contributo presentemente. Esta empresa familiar conta com cerca de 100 hectares de vinha plantadas em encostas suaves e com exposição solar predominante a sul. Com o intuito de dinamizar todos os espaços e potencialidades das quintas, procederam a uma modernização, remodelação e adaptação dos edifícios, dedicando-se ao Enoturismo assim como a realização de eventos no âmbito do turismo, abertos a particulares e empresas.

“Os nomes destas Quintas representam os vinhos DOC mais prestigiados desta empresa familiar...”

(sítio web, Clube de Vinhos Portugueses, acedido a 04 abril de 2014)

Fazendo referência à Quinta das Cerejeiras enquanto edifício de habitação, pode dizer-se que se constitui num dos edifícios que integra a memória dos bombarralenses, um

dos já raros edifícios que permitem às novas gerações comprovar o clima histórico que apesar de já muito ténue, perdura nesta vila.



Figura 3 - Fotografia dos armazéns da Quinta das cerejeiras (Fonte própria); Vinhas da Quinta das Cerejeiras (Fonte: <http://clubevinhosportugueses.wordpress.com/2009/08/05/companhia-agricola-do-sanguinhal>); Logotipo da Companhia Agrícola do Sanguinhal (Fonte: <http://clubevinhosportugueses.wordpress.com/2009/08/05/companhia-agricola-do-sanguinhal>); Vinho “Quinta de São Francisco” (Fonte: <http://clubevinhosportugueses.wordpress.com/2009/08/05/companhia-agricola-do-sanguinhal>)

2.2. Caracterização da Escola

Embora continuem a existir evidências de uma vila com cariz histórico e com edifícios que resistem às adversidades da atualidade e perduram gerações atrás de gerações, muitos são os que ficam apenas na memória dos habitantes mais idosos. Novas edificações ocupam espaços devolutos e a vila foi crescendo, ocupando uma área cada vez maior. É aqui, numa zona dita mais recente, que se encontra a sede do Agrupamento e Escola Básica e Secundária Fernão do Pó, também ela alvo de recentes remodelações e ampliações.

Passa-se então à sua apresentação e caracterização, recorrendo à transcrição da informação constante do Projeto Educativo do Agrupamento 2010 /2013¹⁵ e da informação considerada relevante que consta do sítio web da escola em questão.

¹⁵ **Projeto Educativo da Escola de 2010/2013.**

Acedido a 2 de julho de 2014, disponível em:
<https://sites.google.com/a/aefp.pt/web/documentos-internos>

2.2.1. Contexto Histórico

Constituído em 2004, o Agrupamento de Escolas Fernão do Pó localiza-se na vila do Bombarral e integra todos os estabelecimentos da educação pré-escolar e do 1.º ciclo do concelho e ainda a escola-sede, a antiga Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Fernão do Pó. A fusão com a Escola Secundária do Bombarral ocorreu apenas em 2008. De 2009 a 2011 e no âmbito do Programa de Modernização das Escolas Secundárias¹⁶, a Escola Básica e Secundária Fernão do Pó foi alvo de obras de requalificação e foi construída a Escola Básica n.º 1 do Bombarral, concluída em setembro de 2013. Atualmente, a anterior dispersão geográfica dos estabelecimentos do Agrupamento é praticamente inexistente, existindo apenas dois estabelecimentos que continuam a funcionar fora da sede de concelho, a Escola Básica e o Jardim de Infância do Pó.

No ano letivo de 2013/2014 a população escolar representou 1680 alunos e formandos, apresentando uma pequena percentagem (6,1%) de nacionalidade estrangeira.

Em 2013, o Agrupamento Fernão do Pó foi sujeito a avaliação no âmbito da Avaliação Externa das Escolas, através da Inspeção-Geral da Educação e Ciência, tendo obtido a classificação de BOM no domínio Liderança e Gestão.



Figura 4 - Fotografia Aérea (Fonte: Google Earth); Fotografia da Escola (Fonte: <https://www.google.pt/search?q=agrupamento+fern%C3%A3o+do+po>)

¹⁶ **Programa de Modernização das Escolas Secundárias.**

Acedido a 3 de julho de 2014, disponível em:
<http://legislacao.min-edu.pt/np4/154>

2.2.2. Administração Escolar

De acordo com os dados constantes do Regulamento Interno¹⁷ do Agrupamento, apresenta-se a constituição da direção da escola e respectivos cargos, no ano de 2013-2014:

Diretor – Emanuel José dos Anjos Vilaça

Subdiretor – Célia Farinha

Adjunto – Luís Azóia

Adjunto – Cristina Santos

Adjunto – Mafalda Silva

Abaixo enuncia-se ainda a listagem dos cargos pertencentes aos órgãos do Conselho Geral, Conselho Pedagógico e Conselho Administrativo da escola.

O Conselho Geral é constituído pelos seguintes elementos: 7 representantes do corpo docente, 2 representantes do pessoal não docente, 4 representantes dos pais e encarregados de educação; 2 representantes dos alunos, sendo um representante do ensino secundário e outro da educação de adultos;

O Conselho Pedagógico é constituído pelos seguintes elementos: Diretor; Coordenadores dos Departamentos Curriculares - sete elementos (Departamento da Educação Pré-Escolar; Departamento do 1.º Ciclo do Ensino Básico; Departamento de Matemática e Ciências Experimentais; Departamento de Línguas; Departamento de Expressões; Departamento de Ciências Sociais e Humanas; Departamento de Educação Especial); Coordenadores de Ciclo (2.º Ciclo; 3.º Ciclo; Secundário: representante do Ensino Profissionalizante; representante dos Serviços de Psicologia e Orientação; coordenador das Bibliotecas Escolares; representante da área ou estrutura diretamente responsável pela educação e formação de adultos);

O Conselho Administrativo é constituído pelo Diretor que preside, pelo subdiretor ou um dos adjuntos do Diretor, por ele designado para o efeito e pelo Chefe de Serviços de Administração Escolar.

¹⁷ **Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas Fernão do Pó.**

Acedido a 3 de julho de 2014, disponível em:
<https://sites.google.com/a/aefp.pt/web/documentos-internos>

2.2.3. Caracterização da População Escolar

Os dados referidos no Projeto Educativo da Escola espelham a seguinte realidade da comunidade escolar:

- Nacionalidade: maioritariamente portuguesa, existem contudo no Agrupamento 23 nacionalidades diferentes, destacando-se as nacionalidades brasileira, suíça, francesa e ucraniana, no que se refere aos 120 alunos estrangeiros;

- Contexto sociocultural das famílias: quanto à escolaridade dos pais, os dados disponíveis apontam para baixos níveis de escolarização – apenas 1% dos pais não possui formação escolar, 21% dos que têm formação conhecida possuem o 1.º ciclo, 20% possui o ensino secundário e 10% tem formação superior. Existe uma acentuada diferença de níveis de escolarização entre sexos, sendo bastante superiores nas mães;

- Profissão dos pais: existe uma grande variedade de sectores de atividade e verifica-se que apesar da baixa escolarização já mencionada, apenas um reduzido número são identificados como trabalhadores não qualificados, trabalhando a maioria no sector de serviços;

- Alunos subsidiados: cerca de 46% dos alunos são subsidiados pela Acção Social Escolar, sendo que a maioria (26%) têm escalão A;

- Acesso às novas tecnologias: cerca de 65% dos alunos têm computador em casa, contudo apenas 43% têm acesso à internet;

- Caracterização do Corpo Docente: no ano Lectivo de 2009/2010, o Agrupamento dispunha de 157 professores no Quadro de Nomeação Definitiva, 9 no Quadro de Zona Pedagógica, 31 Docentes Contratados, 8 Técnicos especializados, 162 Docentes com 10 ou mais anos de serviço e 149 Docentes com idades compreendidas entre os 30 e os 50 anos;

- Caracterização do pessoal não docente: 17 elementos na Administração; 83 no Apoio e Segurança e 5 Técnicos superiores.

2.2.4. Missão e Ambições da Escola

Também descrito no Projeto Educativo da Escola:

Que função temos na comunidade?

O Agrupamento de Escolas Fernão do Pó assegura a educação e a formação pré-escolar, básica e secundária em todo o Concelho do Bombarral e em todas as idades.

A coincidência entre a área territorial do concelho do Bombarral e a área de influência pedagógica do Agrupamento obriga à articulação do Projecto Educativo do Agrupamento com as políticas, as grandes opções de planeamento e as estratégias de desenvolvimento municipais.

Neste quadro, compete ao Agrupamento assegurar a formação e a educação numa perspectiva de desenvolvimento global e universal dos alunos e, simultaneamente, como factor de desenvolvimento local e regional.

Após a integração no Agrupamento de todas as escolas do concelho, a conclusão das obras na escola sede e a construção dos centros educativos previstos na carta educativa, o Agrupamento deverá garantir em tempo breve a satisfação das melhores expectativas da comunidade em relação à sua instituição escolar.

A nossa função, que há muito se define e concretiza no domínio da qualificação da população do Bombarral, assume assim novos contornos. O Agrupamento arroga-se também o dever de ser um instrumento fundamental de desenvolvimento local e regional.

Eis pois a missão a que nos propomos tendo como referência a Lei de Bases do Sistema Educativo e todos os princípios que nela se defendem:

- Assegurar a qualidade na educação em todos os níveis de ensino;
- Garantir às crianças, jovens e adultos do concelho, o acesso à aquisição de competências escolares que proporcionem um sólido sucesso educativo e pessoal;
- Proporcionar uma educação completa, global, humanista e útil, que garanta um elevado nível de conhecimentos e uma sólida formação ética, social e cívica;
- Formar e qualificar profissionalmente jovens e adultos, como estratégia de melhorar a integração dos alunos no mercado de trabalho e também, como forma de fazer frente ao abandono escolar e assegurar a formação e educação ao longo da vida.
- Afirmarmo-nos como instituição de desenvolvimento e de intervenção cultural, ao nível local e regional, nos mais diversos domínios da actividade comunitária, rentabilizando assim os recursos humanos e materiais, e complementando e enriquecendo a nossa acção educativa.

Estamos ao serviço da Comunidade porque dela fazemos parte e nela desempenhamos a nobre missão de formar, qualificar e educar para os valores da cidadania em prol de uma sociedade mais desenvolvida e mais justa.

“Serviço Público com Qualidade” é o pressuposto que orienta toda a nossa actividade.

Que escola queremos ser?

- Princípios, valores e políticas orientadoras da acção educativa

Mais do que identificar e compreender a escola que somos, no momento em que se definem as linhas mestras de toda a acção do Agrupamento através da construção de um projecto educativo, é fundamental que se clarifique que escola queremos ser e que princípios e valores fundamentais preconizamos.

O Agrupamento, na acção educativa desenvolvida em todos os seus estabelecimentos e níveis de ensino escolar e pré-escolar, bem como nos restantes domínios da sua intervenção educativa e cultural, será sempre uma instituição que:

- Fomenta os valores do trabalho, do rigor e da disciplina

Trabalho e sucesso são duas faces da mesma moeda. Por isso queremos ser uma escola que tem brio nos seus resultados, porque eles resultam do trabalho, do empenho e esforço por parte de todos os intervenientes no processo educativo.

O rigor e a disciplina são “caracteres genéticos” do trabalho que produz sucesso e características que deverão distinguir os nossos docentes, funcionários e alunos.

- Preconiza padrões elevados de qualidade e exigência

Queremos ter orgulho em tudo o que fazemos e, por isso, fazemos da exigência uma ferramenta ao serviço da qualidade.

- Defende e promove os princípios da “boa-educação”

O respeito pelo outro e pelas instituições são condição mínima do “ser pessoa” e do “ser cidadão”. Nem todos os nossos alunos conseguem ser brilhantes do ponto de vista académico mas todos deverão ser exemplares na cordialidade e “boa-educação”.

- Valoriza o conhecimento e estimula a curiosidade

Quem valoriza o conhecimento quer saber mais, torna-se curioso e por isso aprende mais e melhor. Por isso, a curiosidade e o gosto pela leitura são traços comuns das crianças que saem dos nossos Jardins e que cultivamos ao longo dos vários níveis de ensino.

- Valoriza a criatividade e o empreendedorismo

Num mercado de trabalho que se torna a cada dia mais competitivo, só serão bem sucedidos os mais criativos e empreendedores.

- Proporciona igualdade de oportunidades

Independentemente da sua idade, nacionalidade, condição física e social todos têm direito ao conhecimento, à educação e formação. Procuramos, por todos os meios ao nosso alcance, proporcionar igualdade de oportunidades a todos os alunos, tendo em consideração as suas características, potencialidades e limitações.

- Respeita as diferenças

Respeitamos as diferenças e cultivamos os valores da tolerância e da solidariedade. Todos têm o direito de ver satisfeitas as suas expectativas, razão pela qual não toleramos que os menos ambiciosos limitem, de forma consciente, a progressão e evolução dos seus pares.

- Promove os valores da cidadania

A educação para a cidadania faz-se, essencialmente, através do exercício da mesma e assume hoje, para além de carácter absolutamente transversal, um sentido extremamente amplo e multifacetado onde se inclui, por exemplo, a educação para a saúde, a educação ambiental e a educação para a segurança. Por isso, possuímos uma estratégia formal, bem delineada, de educação para a cidadania sem, no entanto, deixar de ter presente que o essencial se faz na convivência do dia-a-dia, nomeadamente no cumprimento de regras fundamentais.

- “Respira” Cultura

A música, a dança, o teatro e outras formas de expressão artística, assim como o desporto envolvem um grande número de alunos e criam dinâmicas escolares que mobilizam toda a comunidade. O Agrupamento constitui-se como um importante pólo local de dinâmicas culturais.

- Abre espaço à participação de toda a comunidade educativa

Todos os intervenientes no processo educativo são parte interessada no bom funcionamento do Agrupamento e, por isso, todos se envolvem na concretização do Projecto Educativo, cumprindo o seu papel e participando nas decisões e nos processos de melhoria, de forma directa e/ou através dos seus representantes nos órgãos próprios.

- Assume-se como Serviço Público

O Agrupamento não é um serviço local do Estado, é um importante instrumento da comunidade local no domínio da educação e formação das crianças, dos jovens e dos adultos. Está ao serviço de uma estratégia local e regional de desenvolvimento que envolve autarquias, empresas e particulares. Está, sobretudo, ao serviço das pessoas proporcionando-lhes um serviço de educação que, por ser público, não deixa de ter qualidade.

- Cultiva a responsabilidade

A educação deve assentar numa cultura de responsabilização. Os alunos, primeiros beneficiários do direito à educação, são também os primeiros responsáveis pelo cumprimento dos seus deveres. Pais, docentes, não docentes e a comunidade em geral são, de forma diferenciada, igualmente responsáveis pelo sucesso educativo do Agrupamento.

- Fomenta e procura sinergias

Vemos nos pais os principais parceiros no cumprimento da nossa missão. Procuramos nas instituições locais e regionais interesses comuns que nos permitam partilhar recursos, potenciar o que cada um faz de melhor e proporcionar benefícios e oportunidades de sucesso àqueles que servimos e a todos os que, com o seu trabalho, fazem do Agrupamento uma instituição respeitada.

2.3. Recursos Materiais – Sala de Aula, Equipamentos

A sala de aula situa-se no rés-do-chão das instalações da escola e destina-se exclusivamente à disciplina de Educação Visual.

Apresenta em planta uma forma retangular, estando dotada de iluminação natural ao longo de todo o comprimento de uma das paredes de maior dimensão, facultando uma boa iluminação. A outra parede paralela encontra-se provida de armários de apoio aos alunos. Existe ainda uma sala de arrumos comum a outra sala também destinada à disciplina. Dispõe de um quadro branco de apoio ao professor e ainda de projetor fixo no teto. Na parede oposta, encontra-se uma bancada com 2 lavatórios e armários por baixo, também para arrumação.

Como já referido anteriormente, a escola foi alvo de intervenção no âmbito do Programa de Modernização das Escolas Secundárias, apresentando muito boas condições. De salientar que os alunos demonstram uma atitude bastante positiva, zelando pelas instalações, numa postura de correta utilização e de preservação do espaço. Esta, reflete um trabalho notório, contínuo, por parte dos docentes e funcionários.

2.4. Descrição e Caracterização da Turma

De acordo com a caracterização da turma B do 8º ano de escolaridade, realizada e facultada pela professora e diretora da turma, a professora co-orientadora deste estágio, é uma turma pequena composta por 20 alunos, devido ao facto de apresentar 3 alunos com Programas Educativos Especiais.

Ainda relativamente aos alunos e tendo por base o referido levantamento e estudo da professora, 11 alunos são do sexo masculino e 9 alunos do sexo feminino. As idades compreendem-se entre os 12 anos e os 15 anos, sendo que 3 alunos têm 12 anos, 11 alunos têm 13 anos, 4 alunos têm 14 anos e 2 alunos têm 15 anos.

No que se refere à morada dos alunos desta turma, 13 residem na vila do Bombarral, 5 fora da vila e apenas 2 fora do concelho do Bombarral.

Relativamente ao agregado familiar, apresentam-se os seguintes dados:

- Idade

Entre os 31-40 anos de idade, existem 17 pais e 18 mães; entre os 41-50 anos de idade, existem 3 pais e 2 mães;

- Habilitações

Com o 6º ano de escolaridade, existem 5 pais e 1 mãe; com o 9º ano de escolaridade, existem 11 pais e 12 mães; com o 12º ano de escolaridade, existem 1 pai e 3 mães, com curso médio, existem 2 pais e 2 mães e com curso superior, existem 1 pai e 2 mães;

- Situação profissional

Trabalhadores por conta de outrem existem 17 pais e 13 mães; trabalhadores por conta própria e empregadores, existem 3 pais e 2 mães; domésticos, existem 5 mães.

Quanto ao percurso escolar, constataram-se 6 retenções.

Verificou-se que 16 dos 20 alunos afirmam estudar todos os dias, sendo que o local de estudo preferido é o quarto, 2 alunos estudam na sala e 2 alunos estudam no escritório. Também 17 alunos confirmam que têm ajuda no estudo.

Todos os alunos frequentavam esta escola no ano transato e todos afirmaram gostar da escola.

Quanto aos tempos livres constatou-se uma preferência clara por televisão, computadores, internet e música, para a totalidade dos alunos, sendo que o desporto vem em segundo lugar com o gosto de 17 alunos e por fim a leitura com apenas 13 alunos.

Relacionado com as atividades em sala de aula, a totalidade da turma prefere trabalhos de grupo e aulas expositivas a fichas de trabalho e pesquisa.

Em termos de saúde e alimentação, existem 4 alunos com dificuldades visuais, 4 alunos com dificuldades na fala e 2 alunos com dificuldades na linguagem. Existe ainda 1 aluno com alergias diversas.

Por último, e quanto ao local das refeições, constatou-se que todos os alunos tomam o pequeno almoço em casa e que 16 alunos almoçam na escola, 3 alunos em casa e 1 aluno em casa de familiares.

Ainda constante do questionário realizado pela professora Felisbela, a turma apresenta baixa motivação e baixas expectativas quanto ao prosseguimento dos estudos e futuro profissional.

2.5. Contexto Curricular

2.5.1. A disciplina de Educação Visual – 3º Ciclo

A disciplina de Educação Visual integra o programa curricular do 3º ciclo do Ensino Básico, correspondendo ao 7º, 8º e 9º ano de escolaridade. Através desta disciplina, o

aluno deve ser incentivado a explorar os elementos da linguagem plástica, da comunicação visual, sistemas de representação, materiais e técnicas de expressão que facilitarão o seu desenvolvimento enquanto ser humano dotado de inteligência e sensibilidade.

“O trabalho da disciplina de Educação Visual tem por finalidade desenvolver capacidades para te tornar mais criativo e comunicativo, para melhor saberes apreciar, fruir e também criticar o mundo das formas que te rodeia. Nesta aprendizagem, a liberdade, a expressão pessoal e a autonomia têm um valor fundamental.”

(Graça, C. C., Forjaz, R., Barriga, S., Ferreira, S., 2013, pág.3)

Assim, o Ministério da Educação e Ciência desenvolveu e apresentou um documento, “Metas Curriculares da Educação Visual do Ensino Básico – 2º e 3º Ciclo” (MEC, 2012) (Anexo 1), estruturado por anos, visando desenvolver a ampliação dos conhecimentos do aluno nos contextos da Técnica, Representação, do Discurso e do Projeto.

2.5.2. Objetivos e Conteúdos da Disciplina

Os objetivos gerais e conteúdos da disciplina de Educação Visual encontram-se definidos no documento do Ministério da Educação, “Organização Curricular e Programas – Ensino Básico, 3º Ciclo”¹⁸. Dos objetivos gerais fazem parte as finalidades, sendo elas o desenvolver a perceção, a sensibilidade estética, a criatividade, a capacidade de expressão, a capacidade de utilizar meios de expressão visual, o sentido crítico, a capacidade de comunicação, o sentido social e a capacidade de intervenção, e ainda os respetivos objetivos descritos no documento. Quanto aos conteúdos, dos mesmos fazem parte a comunicação, dinâmica/movimento, espaço, estrutura, forma e luz/cor, cujas áreas de exploração encontram-se igualmente descritas no documento.

¹⁸ **“Organização Curricular e Programas – Ensino Básico, 3º Ciclo”, Ministério da Educação.** Acedido a 3 de julho de 2014, disponível em: <https://sites.google.com/a/aefp.pt/web/documentos-internos>

Contudo, as “Metas Curriculares da Educação Visual do Ensino Básico – 2º e 3º Ciclo”

“Proporcionam o enriquecimento de conteúdos, que no contexto cultural dizem respeito a crenças, costumes e hábitos adquiridos pelo Homem como membro da sociedade, no contexto científico referem-se a informação baseada em princípios certos e comprovados, no contexto experimental dizem respeito ao conhecimento adquirido através da prática, ensaios e tentativas, e no contexto da logística referem-se à organização e gestão de meios e materiais necessários a uma atividade ou ação.”

(Metas Curriculares, Educação Visual – Ensino Básico, 2º e 3º Ciclo, 2012, pág.3)

As metas de Educação Visual referem-se aos domínios, objetivos e descritores de desempenho indicados para cada ano de escolaridade, sendo de carácter obrigatório, interessando-nos para este projeto ter em consideração os relativos ao 8º ano de escolaridade, uma vez corresponder ao ano de estágio desenvolvido, pelo que abaixo se transcrevem os mesmos.

Domínio	Objetivo Geral
Técnica	<ol style="list-style-type: none">1. Compreender conceitos teórico-científicos do fenómeno cor.2. Reconhecer a importância da luz-cor na percepção do meio envolvente.3. Distinguir características e diferenças entre a síntese aditiva e a síntese subtractiva.4. Dominar a aquisição de conhecimento sincrónico e diacrónico.
Representação	<ol style="list-style-type: none">5. Conhecer elementos de expressão e de composição da forma.6. Relacionar elementos de organização e de suporte da forma.7. Distinguir elementos de organização na análise de composições bi e tridimensionais.8. Dominar tipologias de representação bi e tridimensionais.
Discurso	<ol style="list-style-type: none">9. Reconhecer signos visuais, o poder das imagens e a imagem publicitária.10. Aplicar e explorar elementos da comunicação visual.11. Dominar processos de referência e inferência no âmbito da comunicação visual.
Projeto	<ol style="list-style-type: none">12. Explorar princípios básicos da Arquitetura e da sua metodologia.13. Aplicar princípios básicos da Arquitetura na resolução de problemas.14. Reconhecer o papel da análise e da interpretação no desenvolvimento do projeto.

Quadro 1 – Domínios e Objetivos Gerais (MEC, 2012)

Analisando-os, constatamos que estas metas incidem sobre os conteúdos da Forma (elementos visuais), da Cor, da Organização Formal e Composição, da Comunicação

Visual (signos visuais, o poder da imagem e da publicidade, Design Gráfico, o cartaz) e da Arquitetura, que integram a Planificação Anual da Disciplina de Educação Visual do 8ºano (Anexo 2). Este documento, Planificação Anual, foi elaborado pelo Departamento das Expressões Artísticas para a disciplina em que, servindo de base ao trabalho dos docentes, refere os conteúdos, metas curriculares, atividades/estratégias, recursos e tempo a disponibilizar ao longo do ano lectivo.

CAPÍTULO III – PROJETO PEDAGÓGICO
“ENSINO DAS ARTES PELO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO”

3.1. Objetivos

O estágio teve início com a abertura do ano lectivo 2013/2014, em setembro de 2013 e desenvolveu-se até ao final do mês de março, com o encerramento do 2º período. Neste intervalo de tempo foram ministradas 25 aulas, sendo que as primeiras 8 aulas foram dadas pela professora e co-orientadora Felisbela Carvalho e por mim assistidas. As 17 aulas seguintes foram então lecionadas por mim com a supervisão da professora.

Os tempos letivos desta disciplina eram de 90 minutos do horário da turma, às 2ªs feiras no período da tarde.

Antes do início das aulas, foram realizadas reuniões de trabalho com a professora Felisbela Carvalho em que, de acordo com a Planificação Anual da Disciplina de Educação Visual do 8ºano (Anexo 2) vigente para o ano letivo de 2013/2014, planeámos e estruturamos o projeto a desenvolver nas aulas. Foram então elaborados planos de aula (Anexo 3) visando uma melhor coordenação e distribuição dos conteúdos a lecionar, constantes da já referida planificação anual. Foi mantido ao longo do período de estágio um contacto muito próximo entre ambas, desenvolvendo troca de ideias constantes, no sentido de garantir que fosse atingido o objetivo que se pretendia com este projeto.

Por sugestão da professora Felisbela Carvalho, o projeto a que me propus foi desenvolvido com a turma B do 8ºano. Esteve sempre presente a intenção de garantir a continuidade no processo de aprendizagem da disciplina, uma vez que a turma já tinha sido acompanhada pela professora no ano letivo anterior.

O projeto teve por objetivo principal desde o início, respeitando a planificação anual com os seus conteúdos programáticos e as metas curriculares para o ano e disciplina, o incentivo de estabelecer uma ligação entre o aluno e o património arquitetónico local. Inculcar no aluno a observação do património, incentivar uma aproximação ao mesmo, foi uma postura sempre presente da nossa parte enquanto docentes. Uma vez estarem a decorrer as Comemorações do Centenário do Concelho do Bombarral, a vila apresentar edifícios de interesse arquitetónico e tendo o Plano Anual de Atividades por tema “Património(s), nós por cá”, pareceu-nos fazer sentido o aluno integrar com motivação e interesse este projeto.

Relativamente à calendarização do estágio, o mesmo foi desenvolvido de forma a garantir que os conteúdos dos dois primeiros períodos fossem lecionados e que o

projeto fosse concluído, dando lugar a uma exposição final a ocorrer no final do 2º período. Assim, o estágio desenhou-se da seguinte forma:

1º período (setembro, outubro e parte de novembro): assistência às aulas lecionadas pela professora da disciplina; apresentação da 1ª unidade de trabalho; participação na realização das tarefas propostas e apoio aos alunos.

1º período (parte de novembro e dezembro): planificação, coordenação e apresentação das diversas fases do trabalho proposto ao aluno; apresentação da 2ª unidade de trabalho; intervenção ativa, lecionando com o apoio e supervisão da professora e co-orientadora; participação na realização das tarefas propostas e apoio aos alunos.

2º período (janeiro, fevereiro, março e início de abril): intervenção ativa, lecionando com o apoio e supervisão da professora e co-orientadora; participação na realização das tarefas propostas e apoio aos alunos; realização da exposição final de trabalhos dos alunos, intitulada “Olhares sobre o Património Arquitetónico”; apresentação da 3ª unidade de trabalho.

No sentido de melhor expor o já mencionado projeto, embora de forma sucinta e maioritariamente em contexto prático, será importante referir:

O início registou uma “saída ao campo”, ou seja, uma visita exterior ao edifício selecionado. Aí, foram feitos vários registos, desenhos à mão com base na observação direta;

Contudo, e sentindo necessidade de uma aproximação mais efetiva ao objecto a ser trabalhado, foram facultadas aos alunos fotografias com pormenores da referida habitação, agora em sala de aula e através de slides, solicitando aos alunos o desenho de alguns pormenores à sua escolha;

Posteriormente, e após uma sensibilização dos alunos para obras de arte através de imagens, as quais foram selecionadas de acordo com o trabalho que pretendia que desenvolvessem, foi solicitado que realizassem uma composição gráfica recorrendo à criatividade; após este processo, os alunos foram convidados a pintar uma tela, com as suas interpretações criativas do edifício habitacional “Quinta das Cerejeiras”. Visando um contínuo estímulo à criatividade dos alunos, e consistindo num desafio ainda maior,

foi proposto que as cores a utilizar incidissem maioritariamente nas cores primárias e secundárias.

Por último, sempre como estímulo à criatividade e recorrendo a técnicas distintas, com base na composição gráfica realizada, os alunos iriam aprender a gravura. Em placas de linóleo, seriam registadas as suas “obras”, escavadas através de goivas e posteriormente passadas para cartolinas e papéis distintos, agora com cores neutras.

3.2. Recursos Didáticos

Os recursos didáticos são ferramentas que viabilizam a concretização do processo ensino-aprendizagem. São eles que nos permitem aceder à informação e transmitir a mesma para que seja mais facilmente percebida.

A disciplina de Educação Visual tem uma componente predominantemente prática pelo que se recorreu maioritariamente à comunicação oral e visual através dos meios que a escola permite. Assim, as mostras audiovisuais com recurso ao computador e projetor de imagens, o manual da disciplina e outros livros com imagens de apoio à prática a desenvolver, foram os recursos didáticos mais utilizados.

3.2.1. Materiais e Técnicas

No início do ano letivo a professora apresentou e distribuiu uma lista de material que foi acrescentada no sentido de possibilitar a exploração de técnicas, indo de encontro ao projeto a desenvolver. Alguns materiais e utensílios foram facultados pela escola.

Materiais de suporte	Materiais de desenho e pintura	Utensílios
<ul style="list-style-type: none"> • papel cavalinho tamanho A3 • papel vegetal, tamanho A3 • cartolinas pretas tamanho A2 • papeis de cor variadas • telas • placas de linóleo 	<ul style="list-style-type: none"> • borracha branca • lápis HB • lápis de cor de aguarela • lápis de cera • lápis de pastel • canetas de feltro • guaches 	<ul style="list-style-type: none"> • cola líquida • fita-cola • apara-lápis • tesoura • x-ato • régua • esquadro de 45° 30° • compasso • pincéis • goivas • rolos

Quadro 2 - Materiais e utensílios de desenho e pintura.

É de salientar que a exemplificação da utilização dos materiais e técnicas permitiu expor aos alunos as possibilidades que cada material oferece. Ainda, foi sempre inculcada nos alunos a postura de uma experimentação alargada do potencial de cada material, para que o aluno sentisse curiosidade e vontade de experimentar sempre mais.

3.3. Aplicação do Projeto

A prática em sala de aula teve início a 11 de novembro de 2013, ainda no 1º período, onde foi apresentada a proposta de trabalho a desenvolver, enquadrando-a nos conteúdos a abordar, integrados na planificação anual.

Assim, houve lugar a uma exposição oral abordando a temática da arquitetura e do património arquitetónico, com recurso ao manual adotado pelo Agrupamento para a disciplina. No sentido de uma melhor apreensão por parte dos alunos, foi estabelecida uma relação com a realidade que os rodeia, tentando proceder a um enquadramento mais efetivo e facilitador das abordagens que se seguiriam. Foram dados exemplos de edifícios de interesse arquitetónico, presentes na vila e concelho do Bombarral, seguindo-se uma discussão sobre a temática. Como complemento e como TPC, foi solicitado que os alunos procedessem a uma pesquisa/ levantamento do património arquitetónico da vila, através de pesquisa na biblioteca da escola, na internet e ainda recorrendo a outras informações, documentos, fotografias, etc., que familiares ou amigos pudessem ter, como complemento ao conhecimento adquirido do referido património pesquisado.

Em simultâneo e no sentido de estimular e desenvolver a capacidade técnica de desenho assim como aumentar o interesse pelo desenho, foi também pedido que elaborassem um diário gráfico, dando vida ao mesmo com o registo de sítios, espaços, ambientes ou outros, com os quais se identificassem.

Para a segunda aula estava prevista uma análise da pesquisa efetuada e posterior seleção do edifício a trabalhar. Foi de comum entendimento que o edifício habitacional da Quinta das Cerejeiras seria uma boa escolha e do agrado de todos para o desenvolvimento deste trabalho. Fez-se então uma saída para o exterior da escola com um destino muito definido – a Quinta das Cerejeiras. De forma descontraída mas repleta

de apreensão visual por parte dos alunos foram efetuados vários registos gráficos do edifício, com base na observação direta do mesmo, unicamente do seu exterior.



Figura 5 – Fotografias dos alunos a desenharem o objecto arquitetónico selecionado “Quinta das Cerejeiras (Fonte: própria).

Conscientes do ritmo de trabalho e desempenho de alunos deste ano de escolaridade e dos tempos letivos disponíveis para a realização deste projeto, considerámos como positivo facultar a experiência aos alunos de desenhar pormenores do edifício, contudo agora em ambiente de sala de aula e através de projeção de fotografias. Estas foram criteriosamente selecionadas de forma a simultaneamente dar a conhecer aos alunos os pormenores arquitetónicos mais relevantes do edifício e limitar os mesmos, não permitindo que se dispersassem.

Foi também preparada uma aula teórico-prática, cujo objetivo principal foi o de sensibilizar o aluno para obras de arte e para a criatividade. Foram apresentados slides cujo conteúdo incidia sobre fotografias de edifícios de arquitetura contemporânea, alertando para as diferenças entre o edifício a ser trabalhado e edifícios contemporâneos de alguns arquitetos conceituados. Também foram apresentadas algumas obras de arte, tais como telas de alguns artistas visando a estimulação da criatividade para o desafio seguinte que seria o de criar uma composição gráfica criativa.

No final do 1º período estava então a ser trabalhada a composição gráfica, recorrendo aos desenhos realizados pelos alunos, quer da fachada principal do edifício, quer de pormenores da mesma. Foram simultaneamente abordados os conteúdos da forma e foi inculcada a necessidade de respeitar a proporção mesmo que fazendo uso de escalas diferentes para potenciar a criatividade da referida composição.

Já no 2º período, prosseguiram os trabalhos passando as composições para telas que iriam ser pintadas. Foi sentido um entusiasmo e motivação crescentes ao longo deste processo, pois os alunos sentiram que apesar de todos trabalharem sobre o mesmo objeto, os resultados eram diferentes, e expressavam o seu cunho pessoal.

Foram feitos estudos de cor que antecederam a pintura nas telas e permitiu um contacto mais efetivo com o conteúdo cor. Este foi sendo abordado, sempre que entendido como necessário por nós enquanto docentes, ao longo do trabalho.

Tinha chegado finalmente a hora da pintura das telas, um momento tão desejado pelos alunos. A cada passo dado, era visível o crescente entusiasmo e ansiedade pelo produto final.



Figura 6 - Fotografias de telas realizadas pelos alunos (Fonte: própria).

Finalizada esta fase do projeto com as telas concluídas, entendeu-se como premente promover uns momentos de análise e troca de ideias sobre o trabalho que cada um desenvolveu. Foram realçados aspetos da composição formal, dos elementos formais, da cor, da arquitetura e importância do património arquitetónico na aquisição de todos estes conhecimentos.

Foi notória a satisfação patente nos rostos dos alunos. Assim, e não tendo ainda terminado o projeto, coube-nos “agarrar” esta motivação e potenciá-la dando continuidade ao mesmo. Pedimos aos alunos que aceitassem outro desafio e caminhássemos agora em direção à exploração de outra técnica aprofundando também o estudo da cor – a gravura. Sobre placas de linóleo foram escavadas com goivas as linhas de contorno da composição gráfica, ficando assim em negativo. Estão agora prontas para receber a tinta que seria espalhada com rolos. Uma vez mais, no sentido de dar espaço à imaginação e criatividade, solicitamos a mistura de cores com o intuito de perceber as infinitas combinações cromáticas que são possíveis. Com um simples

gesto de virar a placa de linóleo, cheia de tinta, sobre um papel de cor à escolha, surgiram as gravuras que abaixo podemos ver.



Figura 7 – Fotografias das gravuras realizadas pelos alunos (Fonte: própria).

Os trabalhos ficaram concluídos a 10 de março de 2014, data em que também se procedeu à preparação dos mesmos para montagem da já mencionada exposição. Esta decorreu de 17 a 21 de março de 2014, no átrio do agrupamento, aberto a toda a comunidade escolar. É de salientar o extremo empenho manifestado pelos alunos na organização, preparação e montagem, sempre com o apoio da professora Felisbela.



Figura 8 – Fotografias da exposição dos trabalhos, “Olhares sobre o Património Arquitetónico” (Fonte: própria).

CAPÍTULO IV – AVALIAÇÃO

4.1. Avaliação Pedagógica

O processo de avaliação permite perceber o desenvolvimento do aluno como indivíduo e o funcionamento de turmas e escolas. Contudo, para poder avaliar é preciso ter em consideração as circunstâncias, o contexto e o tempo em que ocorre a ação desenvolvida pelo aluno. A avaliação dos alunos deverá ser feita com base em todos os trabalhos desenvolvidos, na sala de aula ou noutra local onde ocorra a aprendizagem.

Na disciplina de Educação Visual, e segundo o que refere o documento do Ministério da Educação, “Organização Curricular e Programas – Ensino Básico, 3º Ciclo”, a avaliação tem como referência as finalidades e os objetivos da disciplina, sendo que a cada finalidade estão sempre associados objetivos. A avaliação define-se segundo cinco parâmetros, sendo estes as técnicas, os conceitos, os processos, a perceção/representação do real e valores e atitudes. Ainda, incide nos produtos finais de expressão, comunicação e design realizados pelos alunos mas também na evolução do processo criativo.

Assim, a avaliação dos alunos da turma B, 8º ano, do Agrupamento de Escolas Fernão do Pó do Bombarral baseou-se em todos os trabalhos desenvolvidos neste projeto onde estão incluídos desenhos de observação direta, desenhos de pormenor, estudos, composições gráficas, pintura de telas e gravuras (através de placas de linóleo). No sentido de motivar e estimular os alunos para as práticas do desenho, foi-lhes solicitado que realizassem um diário gráfico, contudo apenas foi tida em consideração para avaliação a participação na atividade e não os resultados em termos quantitativos / qualitativos. Esta tomada de decisão teve por fundamento, e como já referido, o incentivo à prática do desenho proporcionando-lhes assim uma atividade que se pretende que seja agradável e não mais um exercício que seria alvo de avaliação, manifestando a qualidade do produto final. Visando também a motivação para o tema, os alunos realizaram uma breve pesquisa ao nível do património arquitetónico da vila, consistindo apenas numa identificação do mesmo. Também nesta atividade a avaliação incidiu na participação dos alunos.

Assim, a avaliação dos alunos foi determinada face aos objetivos de aprendizagem definidos, de acordo com os critérios de avaliação que abaixo se referem, através da observação das representações visuais e dos objetos realizados e da apreciação verbal fundamentada.

Após uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido, tendo em conta o proposto e o concretizado, a turma considerou que os conteúdos abordados foram interessantes, mantendo-os motivados, tal como pode ser observado nos resultados dos inquéritos.

4.2. Critérios de Avaliação

Os critérios de avaliação na educação artística são normalmente definidos nas escolas pelo Departamento de Expressões Artísticas, Artes e Tecnologias. Encontram-se definidos num documento intitulado “Critérios de Avaliação - Educação Visual 3º Ciclo” assim como as respetivas percentagens a atribuir na avaliação dos alunos, quer ao nível do Domínio Cognitivo (capacidades e conhecimentos), quer do Domínio Sócio-Afetivo (atitudes e valores). Assim o professor consegue identificar os diferentes níveis de desempenho dos alunos.

Critérios de Avaliação		3º Ciclo
EDUCAÇÃO VISUAL		
DOMÍNIO COGNITIVO (Capacidades / Conhecimentos) 70%		
• Aquisição de conhecimentos		20%
• Compreensão de conceitos		20%
• Aplicação dos conhecimentos		50%
• Criação de projectos		10%
• Execução de projectos		10%
• Domínio de técnicas/materiais/instrumentos		10%
• Utilização expressiva dos elementos visuais		10%
• Testes		10%
DOMÍNIO SÓCIO-AFECTIVO (Atitudes e Valores) 30%		
Envolvimento e Participação		15%
Participação		10%
Organização		5%
Atitudes		15%
Autonomia		2,5%
Cooperação		2,5%
Cumprimento de regras		10%

Quadro 3 – “Critérios de Avaliação – Educação Visual 3º Ciclo”

A avaliação final resulta da média dos resultados obtidos em todos os trabalhos realizados de acordo com critérios definidos e respetivos pesos atribuídos.

4.3. Inquéritos e Apresentação de Resultados

Como instrumento de trabalho e no sentido de analisar e identificar a pertinência e resultados deste projeto, realizou-se um inquérito (Anexo 9) aos alunos após a conclusão do referido projeto.

O inquérito foi anónimo e confidencial, visando facilitar a expressão do que os alunos sentiram ao longo do desenvolvimento do trabalho, expresso em respostas francas.

Em baixo encontram-se os resultados do inquérito realizado.

No inquérito foi facultada a seguinte escala de satisfação:

- 1 – Discordo totalmente
- 2 – Discordo
- 3 – Não discordo nem concordo
- 4 – Concordo
- 5 – Concordo plenamente

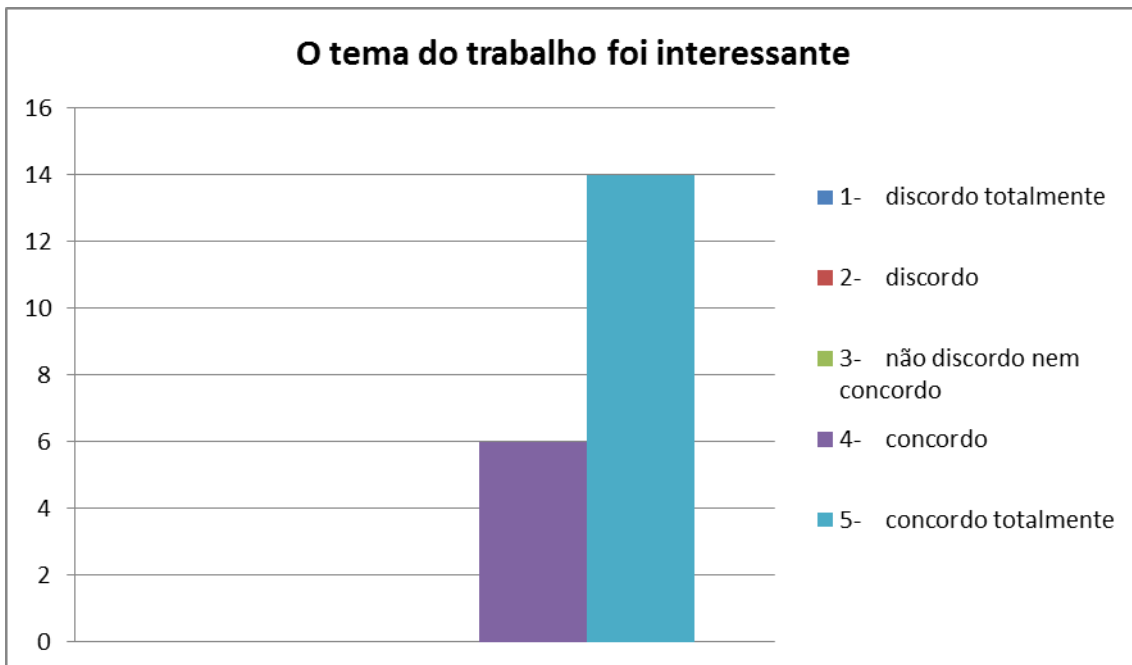


Gráfico 1 – O tema do trabalho foi interessante.

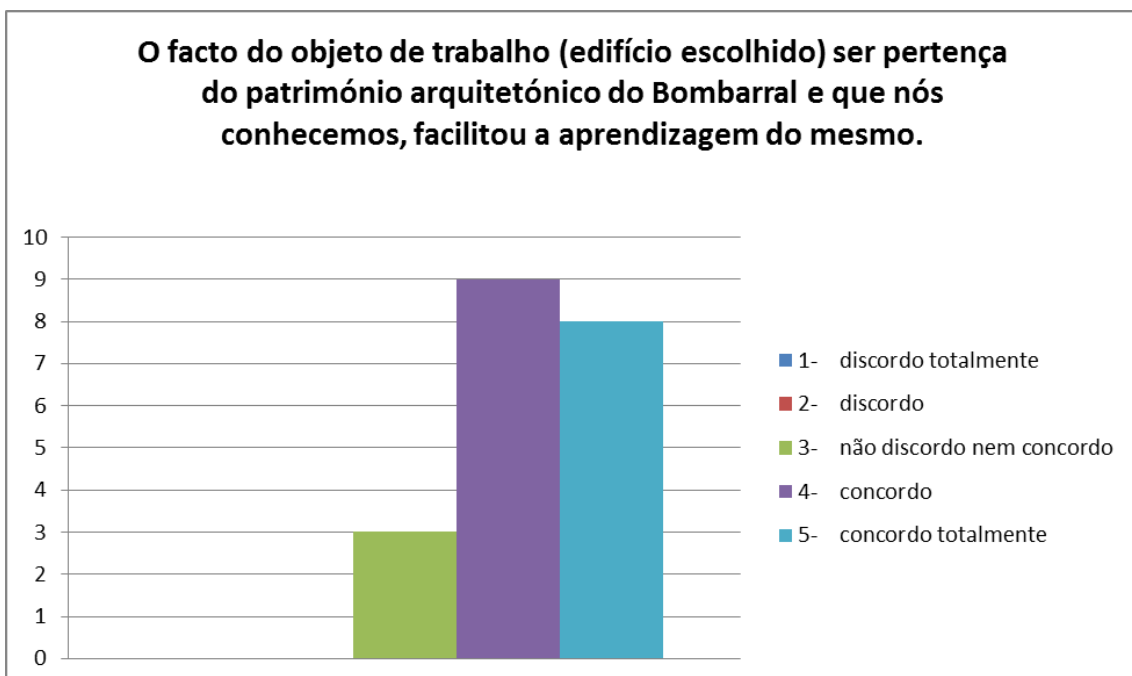


Gráfico 2 – O facto do objeto de trabalho (edifício escolhido) ser pertença do património arquitetónico do Bombarral e que nós conhecemos, facilitou a aprendizagem do mesmo.

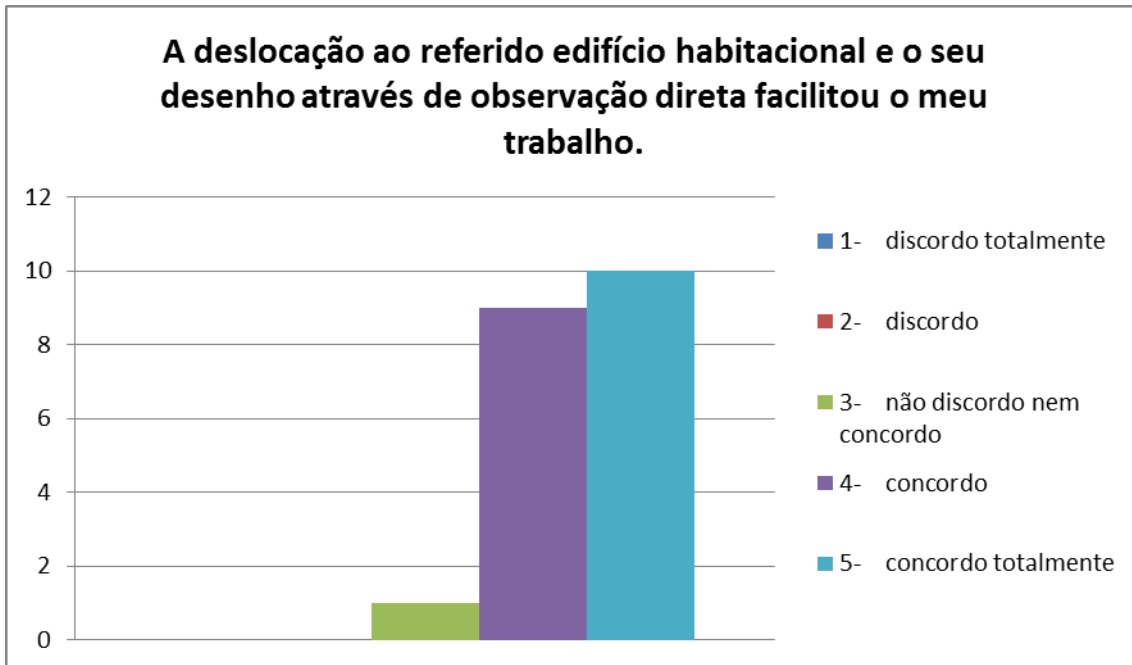


Gráfico 3 - A deslocação ao referido edifício habitacional e o seu desenho através de observação direta facilitou o meu trabalho.

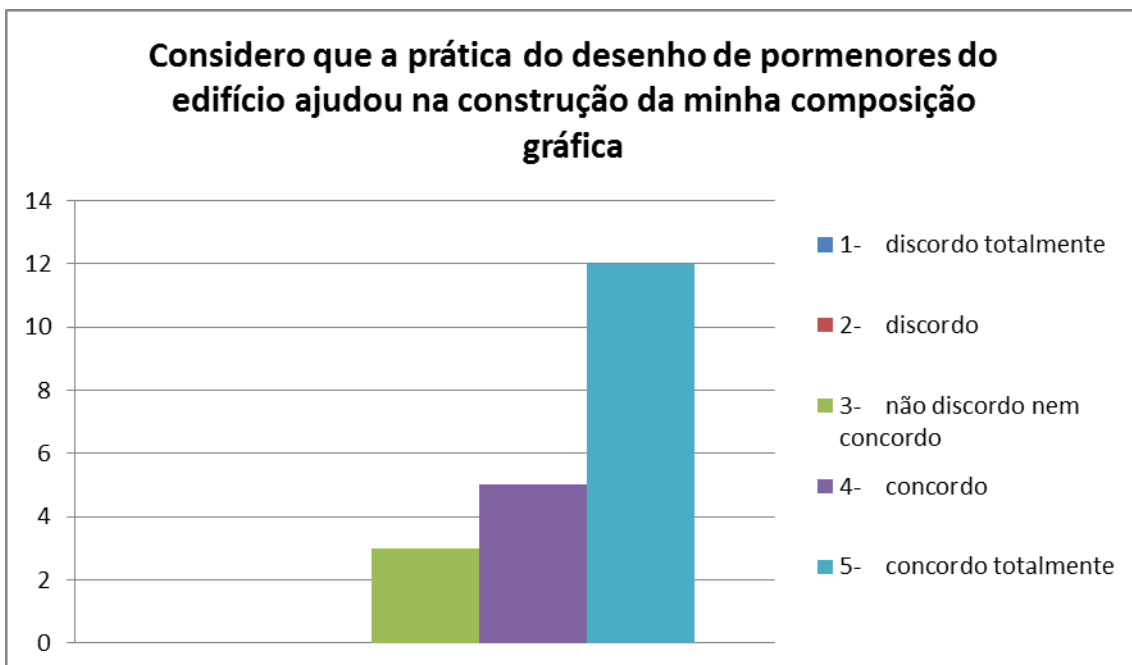


Gráfico 4 - Considero que a prática do desenho de pormenores do edifício ajudou na construção da minha composição gráfica.

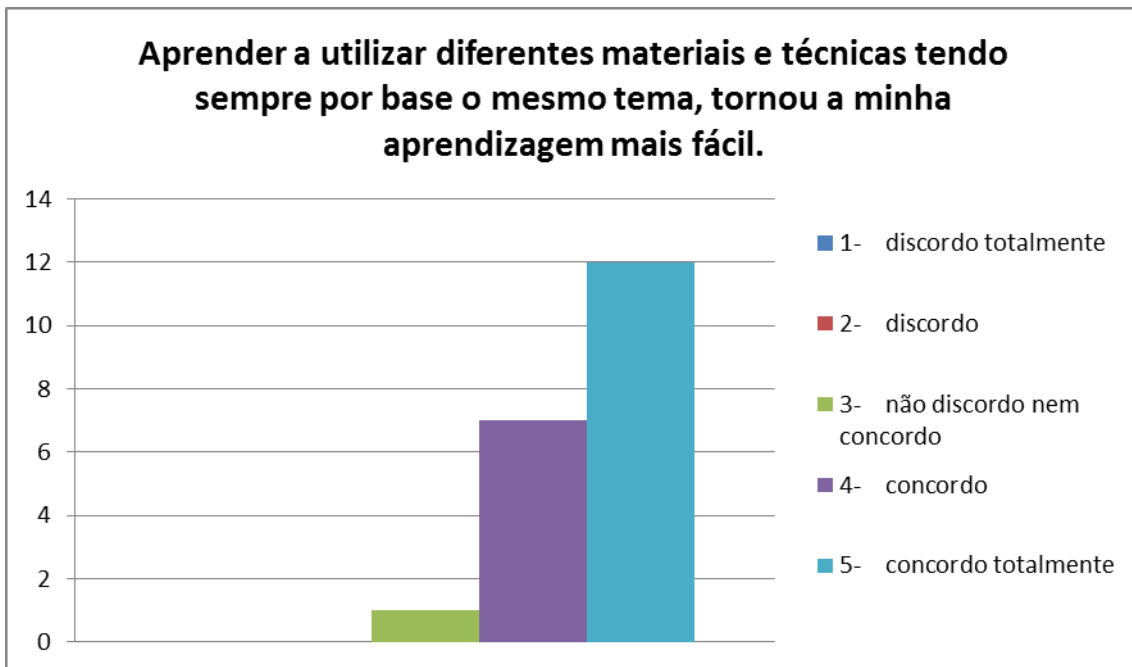


Gráfico 5 - Aprender a utilizar diferentes materiais e técnicas tendo sempre por base o mesmo tema, tornou a minha aprendizagem mais fácil.

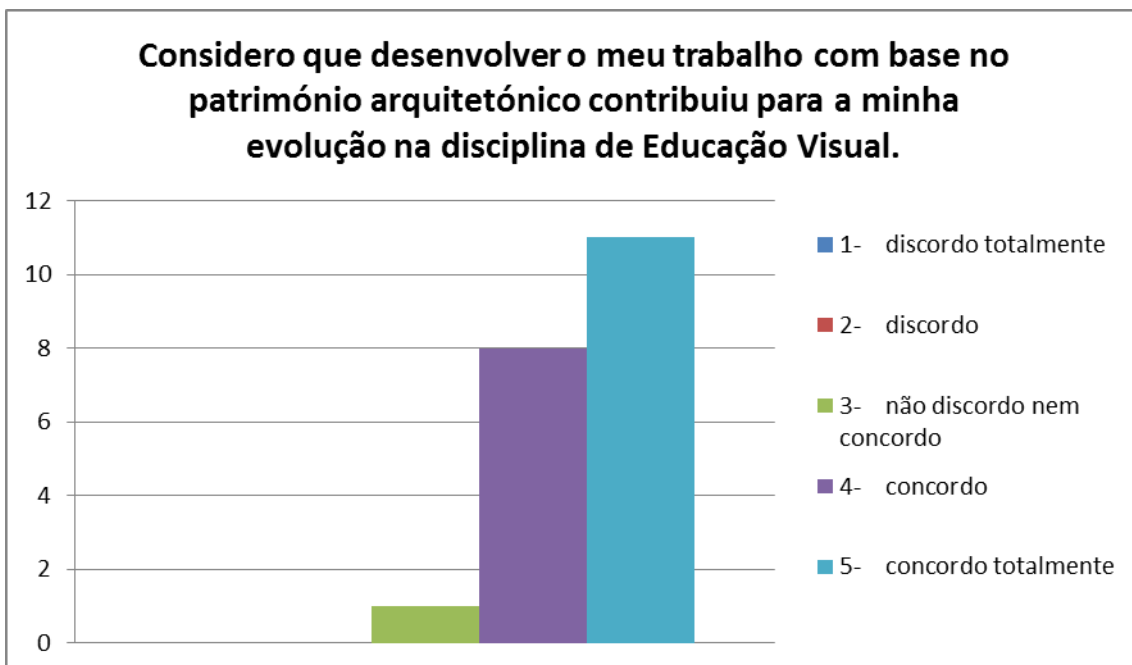


Gráfico 6 - Considero que desenvolver o meu trabalho com base no património arquitetónico contribuiu para a minha evolução na disciplina de Educação Visual.

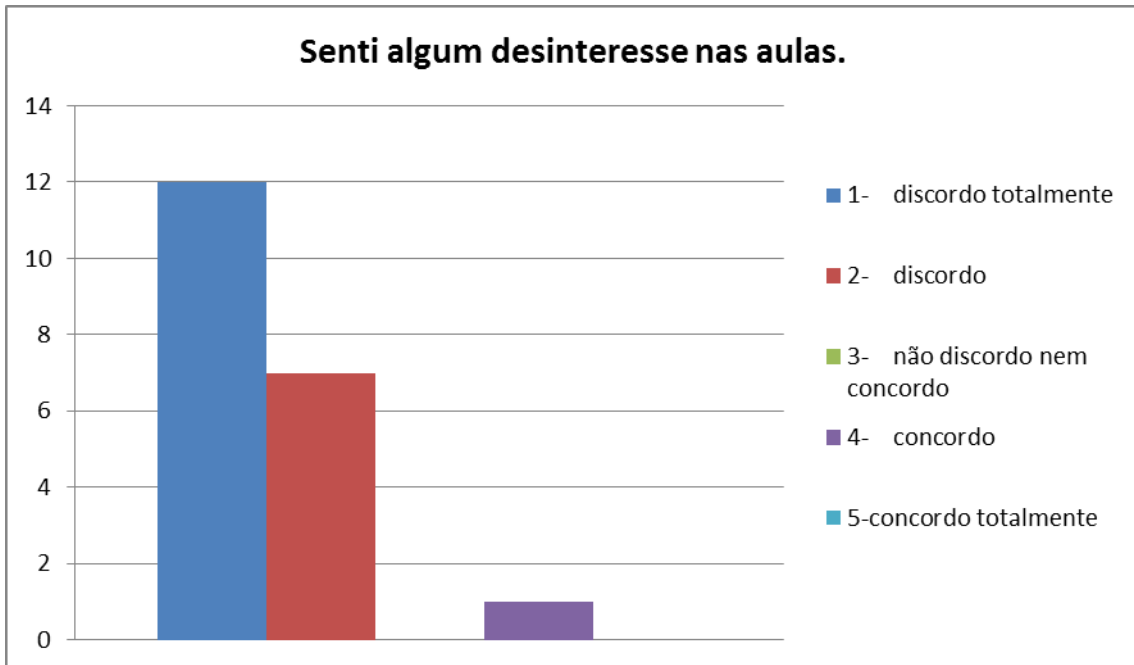


Gráfico 7 - Senti algum desinteresse nas aulas.

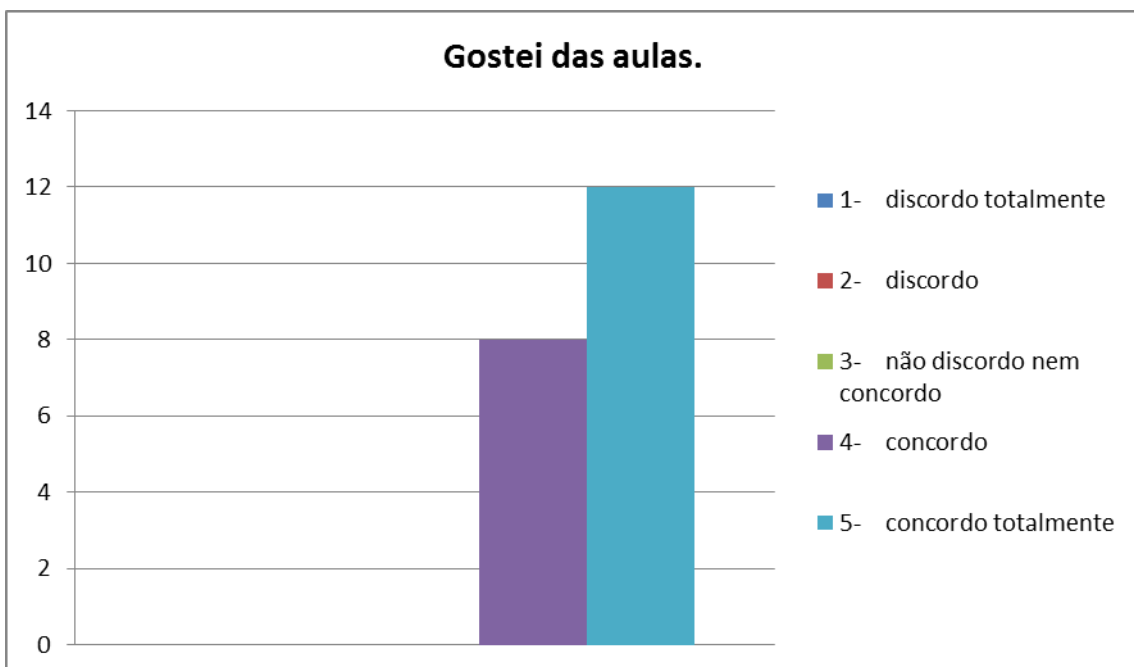


Gráfico 8 - Gostei das aulas.

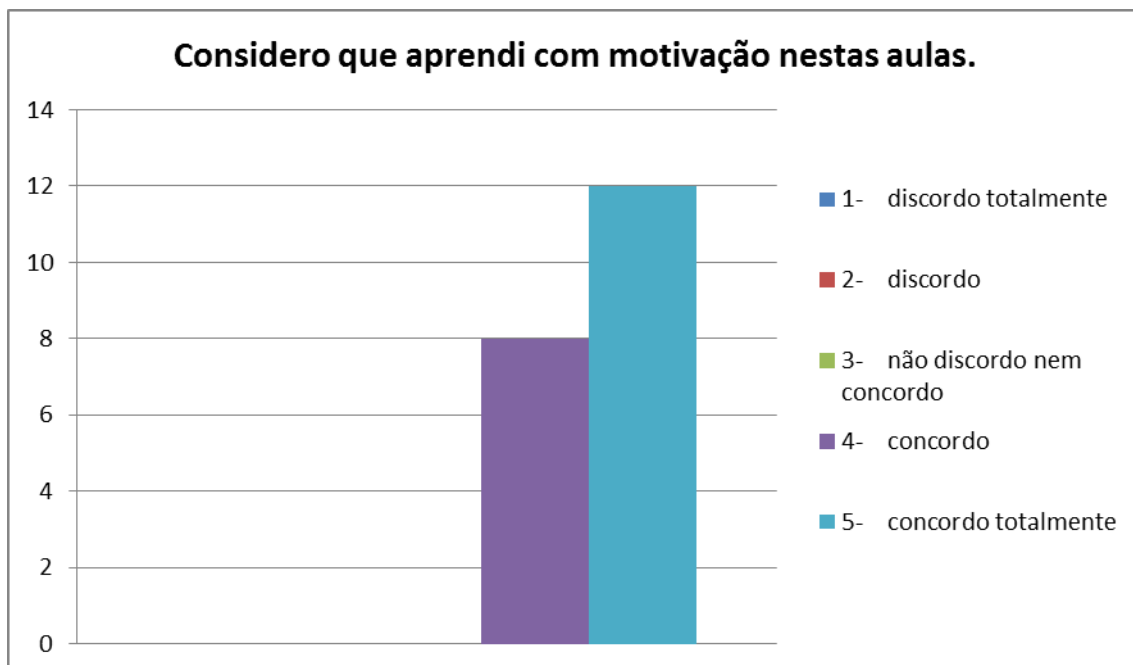


Gráfico 9 - Considero que aprendi com motivação nestas aulas.

Em relação à pergunta de resposta livre **“O que mais gostaste de fazer neste trabalho?”**, as respostas representam a generalidade das opiniões.

“Gostei de tudo... Achei bastante interessante esta atividade.”

Desenho do edifício:

“Gostei de me dirigir ao edifício e desenhar através da observação direta.”

“Adorei desenhar a casa.”

Pintura sobre a tela:

“Quadros, linóleo.”

Gravura – Linóleo:

“O que mais gostei foi de trabalhar na placa de linóleo”.

“A parte de passar para o linóleo, o trabalho que tanto adorei as práticas”.

Dos resultados obtidos no inquérito e de um modo geral, verifica-se que todos os alunos gostaram de desenvolver este trabalho tendo manifestado uma preferência pelo desenho de observação direta e pelo trabalho de linóleo. Alguns alunos demonstraram um empenho evidente logo desde o início e outros apenas com o decorrer do projeto. Esta realidade está refletida nos níveis de avaliação constantes da tabela de avaliação dos 1º e 2º Períodos (Anexo 8), onde se pode constatar que um dos alunos obteve nível 2 (negativo) no 1º período subindo a nota para nível 3 (positivo) no 2º período. Outros casos em que os alunos subiram de nível 4 (positivo) para nível 5 (positivo), refletindo uma evolução.

4.4 Análise Crítica do Estágio

Iniciei o meu estágio em setembro de 2013 na Escola Secundária Fernão do Pó de Bombarral, na disciplina de Educação Visual com a turma B do 8º ano. Considero que o facto de ter iniciado o meu estágio ao mesmo tempo que se iniciava o novo ano letivo ajudou na minha integração, sendo que os alunos encaravam-me e dirigiam-se a mim como professora deles, quase não existindo diferença relativamente à professora da disciplina. Assim, quando deixei de assistir às aulas e passei a leccionar efetivamente, tornou-se mais fácil apresentar e propor o desenvolvimento das atividades/ projeto e estimulá-los a empenharem-se.

Apesar da escola estar integrada na sede do Agrupamento Fernão do Pó, estamos perante um meio pequeno em que ainda se sente um ambiente familiar. Esta foi a minha escola e ainda se mantêm alguns dos meus professores, nomeadamente a Professora Felisbela, a minha co-orientadora deste estágio. Ao fim de 27 anos, reencontrar professores que contribuíram para a minha formação e outros que foram meus colegas, todos de braços abertos com uma visível postura “seja bem-vinda”, mas agora enquanto colega, foi para mim bastante motivador e gratificante.

A escolha do tema e os trabalhos a desenvolver tiveram por base a integração das Comemorações do Centenário do Concelho do Bombarral, inserido no Plano Anual de Atividades com o tema “Património(s), nós por cá”, o qual foi proposto aos alunos e bem recebido pelos mesmos. Apesar de terem surgido outras ideias para o desenvolvimento do projeto, o contexto atrás referido que se vivia na escola e a motivação com que foi

recebida e agarrada a ideia por parte dos alunos, anulou a possibilidade de desenvolver outra temática.

O empenho dos alunos na elaboração das atividades e trabalhos propostos correspondeu às nossas expectativas enquanto professoras, o qual atribuo não só ao gosto pelo tema mas muito também ao bom relacionamento entre alunos/professores. A professora Felisbela, que já conhecia esta turma do ano anterior e com quem mantinha uma boa relação, foi um elemento-chave para concretização deste projeto, estando sempre presente com uma dedicação sem limite. Durante todo o período de estágio manifestou uma inteira dedicação que já lhe conhecia, pois foi também minha professora, mas não só aos alunos como ao projeto que me propus desenvolver e a mim agora enquanto colega. Apesar da experiência letiva constar do meu percurso profissional, senti-a agora muito mais positiva e enriquecedora, com todo o apoio e dedicação que vi na professora Felisbela, sempre disponível para mais um desafio, mostrando-me que muitas vezes temos que estar dispostos a colocar em segundo plano a nossa vida pessoal para “vestir” na íntegra o papel do professor.

Considero que todas as experiências que vivenciei no meu estágio curricular, contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional e que decerto irão acompanhar-me e ajudar-me num constante crescimento enquanto docente que fui, que sou e espero continuar a ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os dois períodos letivos que compreenderam o meu estágio tive oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos no ano transato do Mestrado, assim como de ter um novo contacto com a realidade educativa, agora também com o apoio de uma professora com vários anos de experiência enquanto docente, a minha professora co-orientadora. Esta experiência permitiu-me vários momentos de aprendizagem mesmo só enquanto agente observador.

Ao longo do estágio tentei aplicar os conhecimentos adquiridos até então, integrando o papel de professora mas tendo presente de que também serei sempre um eterno elemento aprendiz. Percebi a importância de conhecermos os alunos e o quão são distintos entre si, sendo que funcionam como um grupo em sala de aula e que por isso cada turma tem características diferentes. É fundamental entender o lado do aluno para conseguir chegar ao mesmo. Ciente de que a maioria dos alunos apenas teria mais um ano de contacto com a área de artes, tive sempre presente a necessidade de manter uma ligação entre os alunos e a prática de atividades que mantivessem os mesmos numa relação próxima com as matérias da disciplina através do património arquitetónico. Assim, tentei utilizar estratégias e metodologias que considerei importantes e enriquecedoras para os alunos. Aprenderem a ver e serem capazes de representar utilizando o desenho de observação direta, descodificando os objetos arquitetónicos, a criarem imagens gráficas dotadas de criatividade a partir do real, serem capazes de as reproduzir utilizando materiais distintos e numa constante evolução técnica tendo sempre presente o património que os rodeia, consistiu numa aposta que considero ter surtido em resultados muito positivos na aprendizagem dos alunos e no contributo para a sua formação pessoal.

Durante as aulas, foi sentida por parte dos alunos uma entrega ao trabalho proposto de forma muito gratificante, assim como um ambiente muito positivo e dinâmico na sala de aula que possibilitou os atos de aprender e ensinar, partilhar e receber saberes, ideias e opiniões. Enriqueceu-me também o facto de presenciar a evolução dos trabalhos desenvolvidos, receios que foram superados, descobertas e conquistas alcançadas que os alunos partilharam em cada etapa. Incentivámos e estimulamos a descoberta do meio que os envolve, mais especificamente do património que os acompanha diariamente e possibilitámos que trouxessem consigo para a sala de aula, mantendo um contacto mais permanente que em conjunto com os conteúdos abordados, permitiu alcançar o objectivo a que me propus com este projeto e neste estágio.

Conforme os alunos nos transmitiram através da discussão e troca de ideias em aula sobre os trabalhos e pelas respostas que deram aos inquéritos entregues, constatamos que foi possível através da apreensão do património arquitetónico contribuir para a sua evolução na disciplina de Educação Visual. Também pudemos constatar que o ter recorrido a uma única temática, o património arquitetónico, contribuiu e facilitou a aprendizagem de utilização de materiais e técnicas distintas.

Contudo, mais do que referir-me ao património enquanto agente que consistiu num contributo para lecionar a disciplina de Educação Visual, considero ainda de extrema relevância expor esta experiência enquanto factor de sensibilização para a defesa e preservação do mesmo. Como já referi anteriormente neste relatório, é essencial dotar o indivíduo de formação e conhecimento que lhe permita entender o meio que o rodeia, pois assim todos nós conseguiremos dar um passo no mesmo sentido, no sentido da evolução consciente. Os nossos atos, enquanto ser humano que vive em sociedade, têm repercussões, deixando marcas que perduram gerações. Sim, também nesta experiência considero que foi dado um passo em frente no sentido de sensibilizar os alunos para a responsabilidade que todos nós temos de defender e preservar o nosso património, consistindo num ato cívico e cultural.

Ao longo das aulas e através de uma constante observação, compreendi onde se enquadra a atividade pedagógica na minha vida profissional e pessoal e o quão gratificante e única esta experiência foi para mim. A concretização deste projeto permitiu o desenvolvimento de capacidades cognitivas, o conhecimento de novas técnicas e materiais. Contudo, entendo que a aprendizagem apenas começa aqui, esperando-nos, a mim enquanto docente e aos alunos que sempre existirão, um longo percurso de troca de saberes contínua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Azúa, Félix de, La invención de Caín, Madrid, 1999, Alfaguarra

Calado, I., A Utilização Educativa das Imagens, Porto: Coleção Mundo de Saberes, 1994, Porto Editora

Cairrão, A., Lógogolo e a Experiência da Cor. Jovens, Marcas e Estilos de Vida, 2006

Dewey, John, El Arte Como Experiencia. PAIDÓS, 2008

Eisner, E., The Arts and the Creation of Mind, New Haven & London: Yale University Press, 2002

Lino, Raúl, Casas Portuguesas – Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples, Herdeiros de Raúl Lino e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1992

Krier, Léon, Arquitetura: Escolha ou Fatalidade, setembro de 1999, Estar-Editora

Masachs, Roser Calaf, Arte para todos – Miradas para Enseñar y Aprender el Património, 2003, Ediciones Trea

Morais, Maria Fátima, Criatividade: Conceito, Necessidade e Intervenção. Braga: Psiquilíbrios, 2008.

Ramos, Augusto José, Bombarral e o seu Concelho – Subsídios para a sua História, junho de 1982, Edição Fac-Similada

Read, Herbert, A Educação pela Arte, 2007

Rodrigues, C. F., **Sousa**, I. S. & **Lobo**, R. C., Visual, Educação Visual 3ºCiclo, 2012, Lisboa, Texto Editores

Graça, C. C., **Forjaz**, R., **Barriga**, S., **Ferreira**, S., Ver, Desenhar e Criar. Educação Visual 7º, 8º, 9º anos - 3º Ciclo do Ensino Básico, 2013, Raiz Editora

Vilaça, Emanuel, Mata Municipal do Bombarral, junho de 2006, Edição Real21 – Associação de Defesa do Rio Real.

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1	Metas Curriculares Educação Visual 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico.
Anexo 2	Planificação Anual da Disciplina de Educação Visual – 8º ano.
Anexo 3	Planos de Aulas.
Anexo 4	Trabalhos dos Alunos – Desenho de Observação.
Anexo 5	Trabalhos dos Alunos – Telas.
Anexo 6	Trabalhos dos Alunos – Gravuras.
Anexo 7	Convite Exposição “Olhares sobre o Património Arquitetónico”.
Anexo 8	Tabela de Notas de Educação Visual, 8ºB, 1º e 2º Períodos.
Anexo 9	Inquérito.

ANEXOS

Anexo 1 – Metas Curriculares Educação Visual 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico

METAS CURRICULARES | Ensino Básico
EDUCAÇÃO VISUAL | 2º e 3º Ciclo

Realizadas pela equipa de Educação Visual

António da Cruz Rodrigues (Coordenador), Fernanda Cunha, Vanessa Félix

Agosto 2012

Metas Curriculares Educação Visual – 3º CICLO

8.º Ano

DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA, OBJETIVOS E DESCRITORES DE DESEMPENHO

Técnica T8

OBJETIVO GERAL (1):

Compreender conceitos teórico-científicos do fenómeno luz-cor.

- 1.1: Analisar o fenómeno de decomposição da cor, através do prisma de Newton.
- 1.2: Interpretar e distinguir contributos de teóricos da luz-cor (Issac Newton, Wolfgang von Goethe, Johannes Itten, Albert H. Munsell).

OBJETIVO GERAL (2):

Reconhecer a importância da luz-cor na percepção do meio envolvente.

- 2.1: Identificar a influência dos elementos luz-cor na percepção visual dos espaços, formas e objetos (espectro eletromagnético visível, reflexão, absorção).
- 2.2: Investigar a influência da luz-cor no comportamento humano.

OBJETIVO GERAL (3):

Distinguir características e diferenças entre a síntese aditiva e a síntese subtrativa.

- 3.1: Explorar propriedades e qualidades da luz-cor, em diversos suportes e contextos (tom ou matiz, valor, saturação, modulação).
- 3.2: Manipular a síntese aditiva (luz) e síntese subtrativa (pigmentos) na combinação de cores (cores primárias e secundárias, sistema cor-luz /RGB, sistema cor-pigmento/CMYK, impressão).
- 3.3: Aplicar contrastes de luz-cor em produções plásticas (claro/escuro; quente/frio; cores neutras; cores complementares; extensão; sucessivo; simultâneo).

OBJETIVO GERAL (4):

Dominar a aquisição de conhecimento sincrónico e diacrónico.

- 4.1: Desenvolver ações orientadas para o estudo da evolução histórico-temporal, identificando as relações existentes entre fatores técnicos e científicos.
- 4.2: Estudar e compreender características e diferenças dos fenómenos da luz-cor num determinado momento, não considerando a sua evolução temporal.

Representação R8

OBJETIVO GERAL (5):

Conhecer elementos de expressão e de composição da forma.

- 5.1: Explorar a textura, identificando-a em espaços ou produtos (rugosa, lisa, brilhante, baça, áspera, macia, tácteis, artificiais, visuais).
- 5.2: Reconhecer e representar princípios formais de profundidade (espaço envolvente, sobreposição, cor, claro/escuro, nitidez).
- 5.3: Reconhecer e representar princípios formais de simetria (central, axial, plana).

OBJETIVO GERAL (6):

Relacionar elementos de organização e de suporte da forma.

- 6.1: Explorar e desenvolver tipologias de estruturas (maciças, moduladas, em concha, naturais, construídas pelo homem, malhas, módulo, padrão).
- 6.2: Distinguir e caracterizar a expressão do movimento (movimento implícito; repetição de formas: translação, rotação, rebatimento; expressão estática e dinâmica).
- 6.3: Perceber a noção de composição em diferentes produções plásticas (proporção, configuração, composição formal, campo retangular, peso visual das formas: situação, dimensão, cor, textura, movimento).

OBJETIVO GERAL (7):

Distinguir elementos de organização na análise de composições bi e tridimensionais.

- 7.1: Identificar e analisar elementos formais em diferentes produções plásticas.
- 7.2: Decompor um objeto simples, identificando os seus constituintes formais (forma, geometria, estrutura, materiais, etc.).

OBJETIVO GERAL (8):

Dominar tipologias de representação bi e tridimensional.

- 8.1: Desenvolver ações orientadas para a representação bidimensional da forma, da dimensão e da posição dos objetos/imagem de acordo com as propriedades básicas do mundo visual decifradas através de elementos como ponto, linha e plano.
- 8.2: Desenvolver capacidades de representação gráfica que reproduzem a complexidade morfológica e estrutural do objeto, decifrada através de elementos como volume e espaço.

OBJETIVO GERAL (9):

Reconhecer signos visuais, o poder das imagens e a imagem publicitária.

- 9.1: Identificar signos da comunicação visual quotidiana (significante, significado, emissor, mensagem, meio de comunicação, recetor, ruído, resultado da comunicação, código, ícone, sinal, sinalética, símbolo, logótipo, mapas, diagramas, esquemas).
- 9.2: Demonstrar o poder das imagens que induzem a raciocínios de interpretação (imagens: visuais, olfativas, auditivas; denotação, conotação, informação, emoções intensas, impacto visual, lógica visual, metáfora visual).
- 9.3: Interpretar a importância da imagem publicitária no quotidiano (a publicidade condiciona as escolhas, convence usando princípios éticos).

OBJETIVO GERAL (10):

Aplicar e explorar elementos da comunicação visual.

- 10.1: Identificar áreas do design de comunicação (gráfico, corporativo ou de identidade, embalagem, editorial, publicidade, sinalética).
- 10.2: Dominar conceitos de paginação, segundo as noções implícitas no design de comunicação (mensagem: informação, imagem, palavras, emissor, público destino; arranjo gráfico: tema, slogan, texto, imagens, grelhas, enquadramento e margens).
- 10.3: Decompor uma curta-metragem ou um anúncio televisivo português (elementos; espaços; *story-board*; etc.).

OBJETIVO GERAL (11):

Dominar processos de referência e inferência no âmbito da comunicação visual.

- 11.1: Desenvolver ações orientadas para interpretação, que se fundamenta na recuperação de uma ideia ou reflexão que retoma informação ainda presente na memória.
- 11.2: Desenvolver capacidades de antecipação de informação que vai ser apresentada e discriminada posteriormente no mesmo contexto.

Projeto P8

OBJETIVO GERAL (12):

Explorar princípios básicos da Arquitetura e da sua metodologia.

- 12.1: Analisar e valorizar o contexto de onde vem a arquitetura (evolução histórica, primeiros tratados de arquitetura, mito da cabana primitiva).
- 12.2: Reconhecer e descrever a metodologia da arquitetura (enunciação do problema, análise do lugar, tipologia de projeto).
- 12.3: Identificar disciplinas que integram a arquitetura (estruturas, construções, etc.).

OBJETIVO GERAL (13):

Aplicar princípios básicos da Arquitetura na resolução de problemas.

- 13.1: Distinguir e analisar as diversas áreas da arquitetura (paisagista, interiores, reabilitação, urbanismo).
- 13.2: Desenvolver soluções criativas no âmbito da arquitetura, aplicando os seus princípios básicos na criação de um espaço vivencial, em articulação com áreas de interesse da escola.

OBJETIVO GERAL (14):

Reconhecer o papel da análise e da interpretação no desenvolvimento do projeto.

- 14.1: Desenvolver ações orientadas para a análise e interpretação, que determinam objetivos e permitem relacionar diferentes perspetivas que acrescentam profundidade ao tema.
- 14.2: Identificar, no âmbito do projeto, perspetivas e critérios que influenciam o problema em análise.

Anexo 2 - Planificação Anual da Disciplina de Educação Visual – 8º ano

Planificação Anual

Ano:

8º

EDUCAÇÃO VISUAL – 8º ANO

Turma:

B

Conteúdos	Metas Curriculares	Atividades/ Estratégias	Recursos/ Materiais	Tempo
FORMA Elementos Visuais	Conhecer elementos de expressão e de composição da forma.	- Teste diagnóstico (desenho);	Papel cavalinho, canetas feltro, lápis de cor, esferográfica	1º P (2 s.)
		- Identificação criativa da disciplina a aplicar nos armários da sala de aula;		
ARQUITETURA	Dominar processos de referência e inferência no âmbito da comunicação visual.	- Explorar a textura, identificando-a em espaços ou produtos (rugosa, lisa, brilhante, baça, áspera, macia, táteis, artificiais, visuais);	Manual escolar	1º P (4 s.)
		- Reconhecer e representar princípios formais de profundidade (espaço envolvente, sobreposição, cor, claro/escuro, nitidez);		
	- Reconhecer e representar princípios formais da simetria (central, axial, plana).	Pesquisa em sites, orientada pelo professor		
	Explorar os princípios básicos da Arquitetura e da sua metodologia.	- Desenvolver ações orientadas para a interpretação, que se fundamenta na recuperação de uma ideia ou reflexão que retoma informação presente na memória.	Materiais de registo e atuantes	1º P (7 s.)
		- Desenvolver capacidades de antecipação de informação que vai ser apresentada e discriminada posteriormente no mesmo contexto.	Projetos de Arquitetura	
		- Analisar e valorizar o contexto de onde vem a Arquitetura (evolução histórica, primeiros tratados de arquitetura, mito da cabana primitiva);		
		- Reconhecer e descrever a metodologia da Arquitetura (enunciação do problema, análise do lugar, tipologia de projeto);		
		Identificar disciplinas que integram a Arquitetura (estruturas, construções, etc.).		

<p>COR</p>	<p>Aplicar princípios básicos da Arquitetura na resolução de problemas.</p> <p>Reconhecer o papel da análise e da interpretação no desenvolvimento do projeto.</p> <p>Compreender conceitos teórico-científicos do fenómeno luz-cor.</p> <p>Reconhecer a importância da luz-cor na percepção do meio envolvente.</p> <p>Distinguir características e diferenças entre a síntese aditiva e a síntese subtractiva.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir e analisar as diversas áreas da Arquitetura (paisagista, interiores, reabilitação, urbanismo); - Desenvolver soluções criativas no âmbito da Arquitetura, aplicando os seus princípios básicos na criação de um espaço vivencial, em articulação com áreas de interesse da escola. - Desenvolver ações orientadas para análise e interpretação, que determinam objetivos e permitem relacionar diferentes perspectivas que acrescentam profundidade ao tema; - Identificar, no âmbito do projeto, perspectivas e critérios que influenciam o problema em análise. - Analisar o fenómeno de decomposição da cor, através do prisma de Newton. - Interpretar e distinguir contributos de teóricos da luz-cor (Isac Newton, Wolfgang von Goethe, Johannes Itten, Albert H. Munsell). - Identificar a influência dos elementos luz-cor na percepção visual dos espaços, formas e objectos (espectro electromagnético visível, reflexão, absorção). - Investigar a influência da luz-cor no comportamento humano. - Explorar propriedades e qualidades da luz-cor, em diversos suportes e contextos (tom ou matiz, valor, saturação, modulação). - Manipular a síntese aditiva (luz) e síntese subtractiva (pigmentos) na combinação de cores (cores primárias e secundárias, sistema cor-luz/RGB, sistema cor-pigmento/CMYK, impressão). - Aplicar contrastes de luz-cor em produções plásticas (claro/escuro; quente/frio; cores neutras; cores complementares; extensão; sucessivo; simultâneo). 	<p>Manual escolar</p> <p>Livros sobre teoria da cor</p> <p>Pesquisa em sites, orientada pelo professor</p> <p>Lápis de cor, guache e pincéis.</p> <p>Materiais de registo e atuantes</p>	<p>2º P (5 s.)</p>
-------------------	---	---	--	-------------------------------

<p>ORGANIZAÇÃO FORMAL E COMPOSIÇÃO</p>	<p>Relacionar elementos de organização e de suporte da forma.</p> <p>Distinguir elementos de organização na análise de composições bi e tridimensionais.</p> <p>Dominar tipologias de representação bi e tridimensional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Explorar e desenvolver tipologias de estruturas (maciças, moduladas, em concha, naturais, construídas pelo homem, malhas, módulo, padrão). - Distinguir e caracterizar a expressão do movimento (movimento implícito; repetição de formas: translação, rotação, rebatimento; expressão estática e dinâmica). - Perceber a noção de composição em diferentes produções plásticas (proporção, configuração, composição formal, campo rectangular, peso visual das formas: situação, dimensão, cor, textura, movimento). - Identificar e analisar elementos formais em diferentes produções plásticas. - Decompor um objecto simples, identificando os seus constituintes formais. - Desenvolver ações orientadas para a representação bidimensional da forma, da dimensão e da posição dos objetos/imagem de acordo com as prioridades básicas do mundo visual decifradas através de elementos como ponto, linha e plano. - Desenvolver capacidades de representação gráfica que reproduzem a complexidade morfológica e estrutural do objeto, decifrada através de elementos como volume e espaço. 	<p>Manual escolar</p> <p>Fichas de trabalho fornecidas pelo professor</p> <p>Folha de cavalinho, papéis coloridos, tesoura, cola</p>	<p>2ºP (7 s.)</p>
<p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <p>Signos Visuais</p> <p>O poder da Imagem e da Publicidade</p>	<p>Reconhecer signos visuais, o poder das imagens e a imagem publicitária.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar signos da comunicação visual quotidiana (significante, significado, emissor, mensagem, meio de comunicação, recetor, ruído, resultado da comunicação, código, ícone, sinal, sinalética, símbolo, logótipo, mapas, diagramas, esquemas). - Demonstrar o poder das imagens que induzem a raciocínios de interpretação (imagens: visuais, olfactivas, auditivas; denotação, conotação, informação, emoções intensas, impacto visual, lógica visual, metáfora visual). - Interpretar a importância da imagem publicitária no quotidiano (a publicidade condiciona escolhas, convence usando princípios éticos). 	<p>Manual escolar</p> <p>Cartazes diversos</p>	<p>3ºP (6 s.)</p>

<p>Design Gráfico</p> <p>O cartaz</p>	<p>Aplicar e explorar elementos da comunicação visual.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar áreas do design de comunicação (gráfico, corporativo ou de identidade, embalagem, editorial, publicidade, sinalética). - Dominar conceitos de paginação, segundo as noções implícitas no design de comunicação (mensagem: informação, imagem, palavras, emissor, público, destino, arranjo gráfico: tema, slogan, texto, imagens, grelhas, enquadramento e margens). - Decompor uma curta-metragem ou um anúncio televisivo português (elementos; espaços; “story-board”; etc.). 	<p>Livros ilustrados</p>	
<p>AVALIAÇÃO</p>	<p>Observação direta. Avaliação formativa.</p>			

PROFESSORA FELISBELA CARVALHO

Anexo 3 – Planos de Aulas

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 11/11/2013

SUMÁRIO

Apresentação da nova proposta de trabalho, “Olhares sobre o Património Arquitetónico”.

Importância do património arquitetónico com referência ao património local.

Aula teórica.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Observação por parte do aluno do material exposto pelo professor e discussão sobre a temática.

MATERIAIS A UTILIZAR

Não aplicável.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Como trabalho para casa (TPC), os alunos devem realizar uma pesquisa sobre o património arquitetónico.

Elaboração de um diário gráfico, a realizar fora da sala de aula.

Foi facultado aos alunos o material para execução do mesmo.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 18/11/2013

SUMÁRIO

Desenho de observação direta do edifício habitacional da Quinta das Cerejeiras.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Desenho à mão livre com base em observação direta do edifício a ser estudado/ trabalhado.

MATERIAIS A UTILIZAR

Papel cavalinho A3 e lápis de carvão.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Como TPC, os alunos devem realizar uma pesquisa sobre o património arquitetónico do Bombarral.

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 25/11/2013

SUMÁRIO

Apresentação de slides com fotografias do edifício da Quinta das Cerejeiras.

Desenho de pormenores, em sala de aula.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Desenho com base em observação de slides com fotografias, agora de pormenores do edifício.

MATERIAIS A UTILIZAR

Folhas de papel cavalinho A3 e lápis de carvão.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Como TPC, os alunos devem realizar uma pesquisa sobre o património arquitetónico do Bombarral.

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 02/12/2013

SUMÁRIO

Apresentação de slides com fotografias do edifício da Quinta das Cerejeiras.

Desenho de pormenores, em sala de aula.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Continuação do desenho com base em observação de slides com fotografias, agora de pormenores do edifício.

MATERIAIS A UTILIZAR

Folhas de papel cavalinho A3 e lápis de carvão.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 09/12/2013

SUMÁRIO

Sensibilização para a pintura em tela através da visualização de obras de Arte Moderna e Contemporânea.

Aula teórico-prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Sensibilização do aluno para a Arte, através de observação de slides com obras de Arte e também de exposição teórica.

Estudo da cor a aplicar na composição, recorrendo a experiências várias.

MATERIAIS A UTILIZAR

Folha de papel vegetal A3, lápis de cor, canetas de feltro, guaches, pincéis e tela.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Como TPC os alunos devem efectuar uma pesquisa sobre obras de arte e pintura da atualidade.

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 16/12/2013

SUMÁRIO

A forma – os elementos visuais.

Composição criativa do edifício da Quinta das Cerejeiras a partir do registo direto dos alunos.

Aula teórico-prática.

Auto-avaliação.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Elaboração de uma composição criativa com parte dos elementos desenhados, quer a partir do registo gráfico de observação direta com a totalidade do edifício, quer do registo efectuado em sala através de slides, com base na observação de pormenores.

MATERIAIS A UTILIZAR

Folhas de papel cavalinho A3, folha de papel vegetal e lápis de carvão.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 06/01/2014

SUMÁRIO

Passagem da composição gráfica para a tela.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A partir da composição criativa registada em papel vegetal, foi efetuada a passagem da mesma para a tela.

MATERIAIS A UTILIZAR

Folha de papel vegetal A3, lápis de carvão e tela.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 13/01/2014

SUMÁRIO

Estudo de cor sobre a composição gráfica.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Realizar vários estudos de cor sobre a composição gráfica.

MATERIAIS A UTILIZAR

Papel vegetal, lápis de cor e canetas de feltro.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 20/01/2014

SUMÁRIO

Pintura em tela.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Pintura da composição trabalhada em tela.

MATERIAIS A UTILIZAR

Tela, guaches e pincéis.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 27/01/2014

SUMÁRIO

Pintura em tela.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Pintura a guache em tela.

MATERIAIS A UTILIZAR

Tela, tinta de guache e pincéis.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 03/02/2014

SUMÁRIO

Observação, análise e debate sobre os trabalhos desenvolvidos na turma, tendo por base os conteúdos da forma e da arquitetura.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Não aplicável.

MATERIAIS A UTILIZAR

Não aplicável.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Não aplicável.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 10/02/2014

SUMÁRIO

Montagem em cartolinas dos desenhos de observação direta, realizados em “Campo” e em sala de aula.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Recorte, colagem e montagem em cartolinas dos desenhos realizados à mão, em aulas anteriores e para posterior exposição.

MATERIAIS A UTILIZAR

Cartolinas, réguas, esquadros, tesoura e cola.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 17/02/2014

SUMÁRIO

Gravura - a partir da composição gráfica trabalhada e pintada em tela, realizar trabalho sobre linóleo. Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Trabalho com as goivas sobre a placa de linóleo, retirando uma pequena camada superficial em todo o desenho, por forma a ficar em negativo a já elaborada composição visual.

MATERIAIS A UTILIZAR

Placas de linóleo e goivas.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 24/02/2014

SUMÁRIO

Gravura - trabalho sobre placas de linóleo.

Aplicação da cor e execução da técnica de linóleo.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Trabalho com as goivas sobre a placa de linóleo, retirando uma pequena camada superficial em todo o desenho, por forma a ficar em negativo a já elaborada composição visual. Aplicação de tinta de guache com rolos nas placas já trabalhadas e posterior passagem para cartolinas e papéis diversos.

MATERIAIS A UTILIZAR

Placas de linóleo, goivas, rolos, tinta de guache, cartolinas e papéis de cores diversas.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 10/03/2014

SUMÁRIO

Preparação e organização dos trabalhos realizados no âmbito do projeto “Olhares sobre o Património” com vista à montagem da exposição a decorrer de 17 a 21 de março de 2014.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Preparação de todo o material e organização dos trabalhos com vista à montagem da exposição “Olhares sobre o Património”.

MATERIAIS A UTILIZAR

Cartolinas, canetas, tesoura, cola, fio de linyon, piónés e papel de carta.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Registos gráficos com tema livre, no diário gráfico.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 17/03/2014

SUMÁRIO

A cor.

A importância da luz-cor na percepção do meio envolvente.

A organização formal e a composição.

Aula teórica.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Não aplicável.

MATERIAIS A UTILIZAR

Não aplicável.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Elaboração de um diário gráfico, a realizar fora da sala de aula.

Foi facultado aos alunos o material para execução do mesmo.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 24/03/2014

SUMÁRIO

Aplicação e exploração da cor com materiais diversos. Composição formal.

Aula prática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Experiências sobre a cor com materiais diversos e com base na composição gráfica sobre o objecto arquitetónico até aqui trabalhado. Experiências com composições formais.

MATERIAIS A UTILIZAR

Papéis diversos, tintas de guache, lápis de cor, canetas de feltro.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

Apoio individualizado intensivo, recorrendo exposição teórica e/ou ajuda prática por parte do docente.

APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Elaboração de um diário gráfico, a realizar fora da sala de aula.

Foi facultado aos alunos o material para execução do mesmo.

EDUCAÇÃO VISUAL

ano lectivo 2013/2014

PLANO DE AULA

8º Ano . Turma: B

Data: 31/03/2014

SUMÁRIO

Debate sobre os trabalhos realizados e decorrer da respectiva exposição.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Análise e debate sobre todo o trabalho “Olhares sobre o Património Arquitetónico” desenvolvido, com referência a técnicas utilizadas.

MATERIAIS A UTILIZAR

Não aplicável.

APOIOS A ALUNOS COM “PEI”

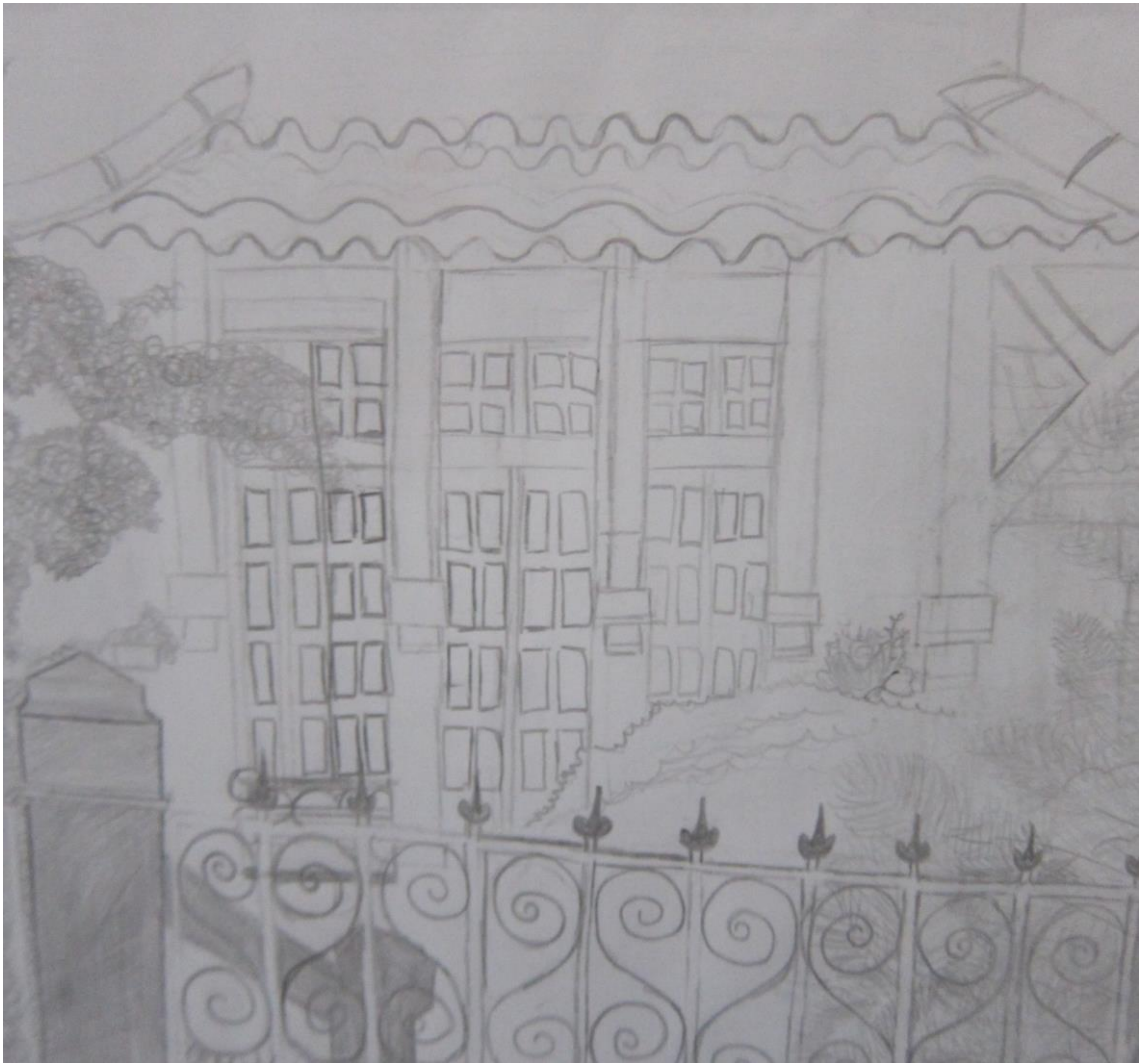
Não aplicável.

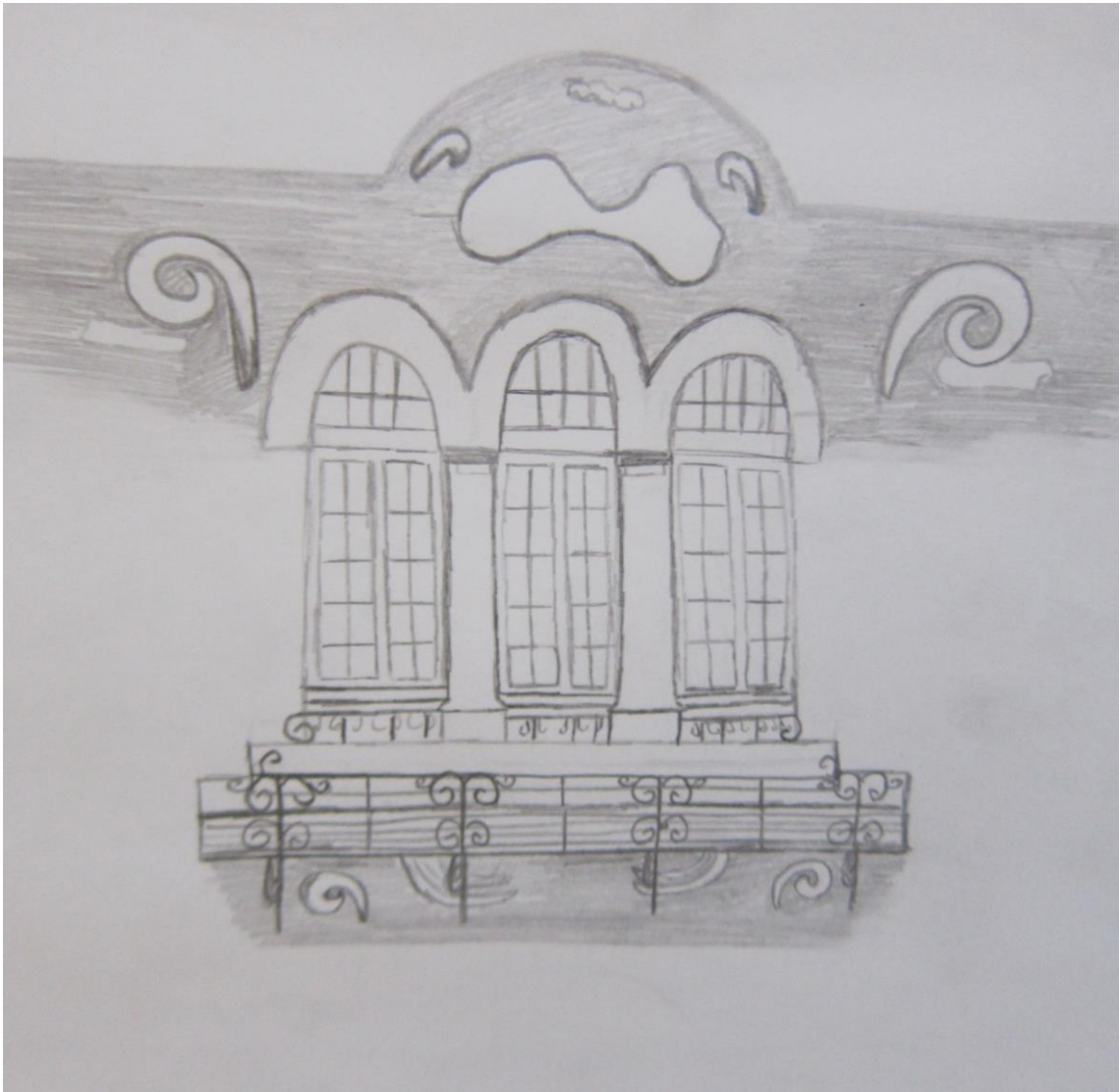
APRENDIZAGEM COMPLEMENTAR

Elaboração de um diário gráfico, a realizar fora da sala de aula.

Foi facultado aos alunos o material para execução do mesmo.

Anexo 4 - Trabalhos dos Alunos – Desenhos

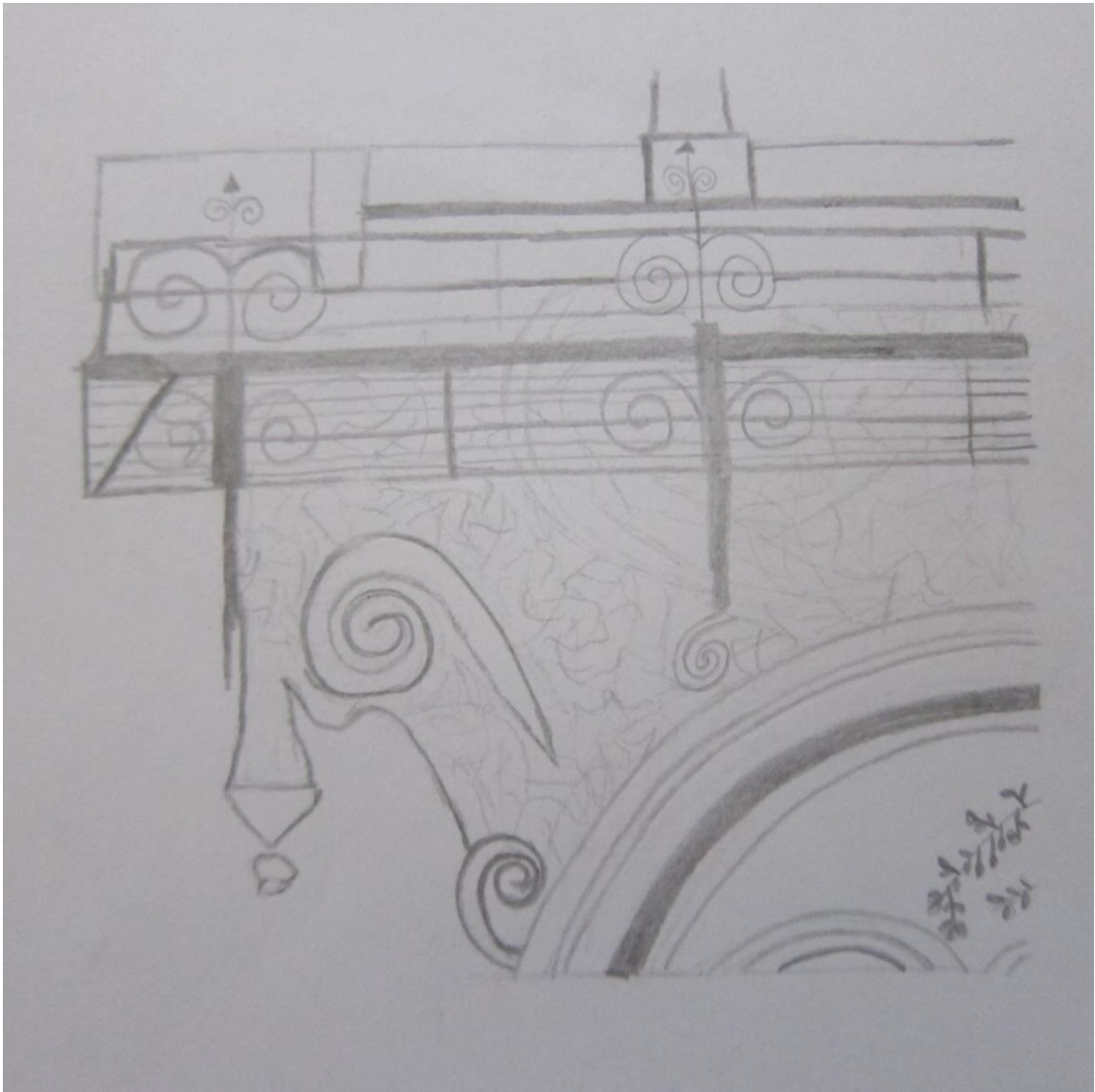


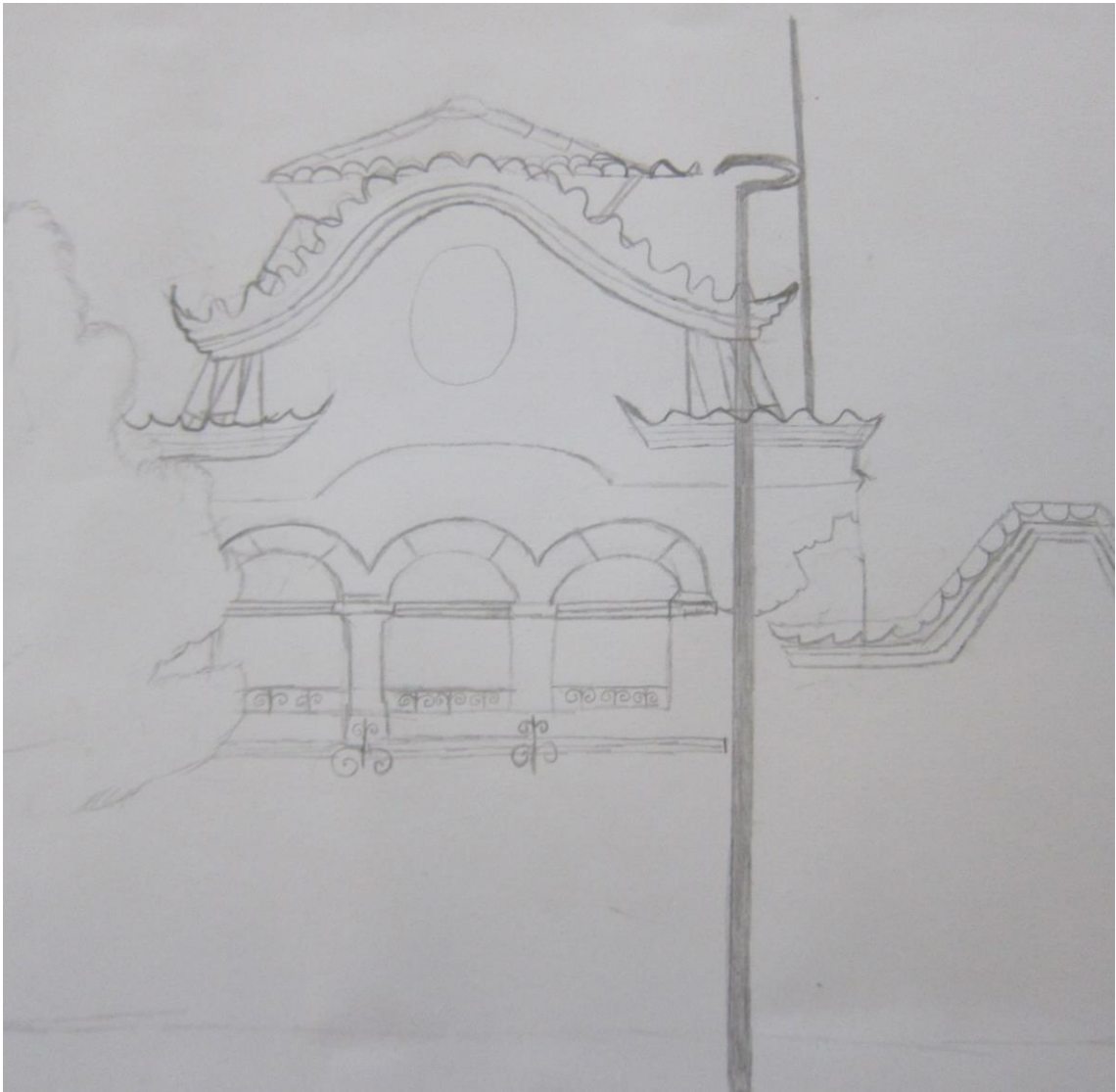














Anexo 5 - Trabalhos dos Alunos – Telas







































Anexo 6 - Trabalhos dos Alunos – Gravuras





























Anexo 7 - Convite Exposição “Olhares sobre o Património Arquitetónico”

Exposição

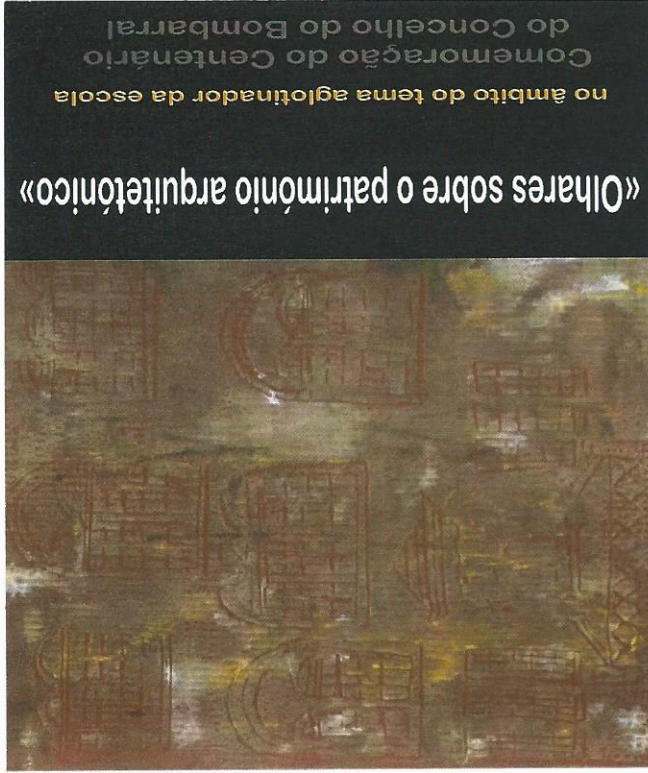
trabalhos dos alunos do 8ºB

A Diretora de Turma, Professora Felisbela Carvalho e a Professora Estagiária Olga Inácio, convidam V. Ex^a. para a exposição de trabalhos dos alunos do 8ºB, no âmbito do projeto «Olhares sobre o património arquitetónico».



17 a 21 de março

a partir das 17h00 do dia 17



«Olhares sobre o património arquitetónico»

no âmbito do tema aglutinador da escola

Comemoração do Centenário
do Concelho do Bombaral

Anexo 8 - Tabela de Notas de Educação Visual, 8ºB, 1º e 2º Períodos

AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS . AVALIAÇÃO DOS 1º E 2º PERIODOS - TURMA 8ºB

Educação Visual

Nº	NOME	DESENHO DE OBSERVAÇÃO	TELAS	GRAVURA	NOTA FINAL 1º PERIODO	NOTA FINAL 2º PERIODO
1	Ana F.	4	4	4	4	4
2	Ana R.	3	4	4	4	4
3	Bernardo N.	3	3	4	4	4
4	Bruno F.	4	4	4	4	4
5	Carolina R.	5	5	5	5	5
6	Francisca S.	5	5	5	5	5
7	Francisco C.	3	3	4	3	3
8	Gonçalo B.	3	3	4	3	3
9	Joana A.	5	5	5	5	5
10	João C.	3	4	4	4	4
11	Dean B.	3	4	4	4	4
12	João C.	3	3	4	3	3
13	Lívio C.	3	3	3	2	3
14	Luís L.	4	4	5	4	5
15	Margarida F.	4	5	5	5	5
16	Maria Cristina N.	3	4	4	4	4
17	Maria Manuel R.	3	4	4	4	4
18	Maria Margarida L.	4	4	5	4	5
19	Paulo D.	3	3	4	3	3
20	Pedro B.	3	3	4	3	3

Professora - Felisbela Carvalho

Anexo 9 - Inquérito

INQUÉRITO

Ensino das Artes pelo Património Arquitetónico

O presente inquérito é anónimo e confidencial. Por favor, não escrevas o teu nome.

A tua colaboração e sinceridade na realização deste inquérito são muito importantes.

Idade: _____ anos

Sexo: F_____ M_____

Assinala a tua resposta às nove afirmações que se seguem, de acordo com a escala abaixo apresentada.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não discordo nem concordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

1. O tema do trabalho foi interessante.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2. Sendo o objeto de trabalho (edifício escolhido) pertença do património arquitetónico do Bombarral e que nós conhecemos, facilitou aprendizagem do mesmo.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3. A deslocação ao referido edifício habitacional e o seu desenho através de observação direta facilitou o meu trabalho.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4. Considero que a prática do desenho de pormenores do edifício ajudou na construção da minha composição gráfica.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5. Aprender a utilizar diferentes materiais e técnicas tendo sempre por base o mesmo tema, tornou a minha aprendizagem mais fácil.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6. Considero que desenvolver o meu trabalho com base no património arquitetónico contribuiu para a minha evolução na disciplina de Educação Visual.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

7. Senti algum desinteresse nas aulas.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

8. Gostei das aulas.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

9. Considero que aprendi com motivação nestas aulas.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Pergunta de resposta livre.

10. O que mais gostaste de fazer neste trabalho?

Obrigada pela tua colaboração!

